

GRUPO DE PESQUISA DA SECRETARIA ESPECIAL DE  
ADMINISTRAÇÃO DE CONFLITOS E APOIO À DIVERSIDADE  
DO NÚCLEO DE ESTUDO LUSO-BRASILEIRO

# LEITURAS ÉTNICO-RACIAIS DAS DIMENSÕES DAS VIOLÊNCIAS DE GÊNERO ANALÍTICOS

JUS SCRIPTUMS  
INTERNATIONAL JOURNAL OF LAW

a. 18 • v. 7 • dossiê • 2023

- 12 **Camila Franco Henriques**  
A não mulher: uso de estereótipos de gênero, raça e classe na  
representação de Suzane Von Richthofen pelos meios de comunicação  
e na produção cinematográfica brasileira
- 69 **Bárbara Borges Carvalho Piaulino e Luziana Cristina de Sousa Lima**  
Mulheres, casa e cárcere: uma análise do trabalho escravo doméstico  
na pandemia
- 95 **Nilson Carlos Costa de Souza Filho e Victória Barbara Silva Gonçalves**  
Raça, feminicídio e necrobiopoder: violência contra mulheres negras no  
Brasil
- 121 **Thaianne Sousa Santana**  
O direito a re(construção) da memória coletiva: mulheres negras e violência  
em forma de estereótipo num Estado negacionista
- 164 **Sandra Suely Lurine Guimarães, Roberta Carolina Araujo Dos Reis  
e Kamilla De Freitas Fernandes**  
A informalidade que persiste: o trabalho doméstico e racialidade no  
período pós-pandêmico

## **Jus Scriptum's International Journal of Law**

Revista Internacional de Direito do Núcleo de Estudo Luso-Brasileiro da  
Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa

Ano 18 • Volume 7 • Edição Especial • 2023

Analíticos do Grupo de Pesquisa de Leituras Étnico- Raciais das Dimensões das  
Violências de Gênero da Secretaria Especial de Administração de Conflitos e  
Apoio à Diversidade do Núcleo de Estudo Luso-Brasileiro

Periodicidade Trimestral

ISSN 1645-9024

### **Equipe Editorial**

#### **Diretor da Revista – Editor-In-Chief**

Cláudio Cardona

#### **Conselho Editorial – Editorial Board**

André Brito, Presidente do NELB

Cláudio Cardona, Diretor da JusScriptum

Jordano Paiva, Diretor Científico do NELB

Alysson Bezerra Miranda, Diretor Científico do NELB

Thiago Santos Rocha, Observador Externo

Caio Guimarães Fernandes

Camila Franco Henriques

Leonardo Castro de Bone

Maria Amélia Renó Casanova

Maria Vitória Galvan Momo

Paulo Gustavo Rodrigues

Samara Machado Sucar

Suelen Augusta da Cunha

#### **Conselho Científico – Scientific Advisory Board**

Ana Rita Gil, Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (POR)

André Saddy, Faculdade de Direito da Universidade Federal Fluminense (BRA)

Eduardo Vera-Cruz Pinto, Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (POR)

Edvaldo Brito, Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia (BRA)

Fernanda Martins, Universidade do Vale do Itajaí (BRA)

Francisco Rezek, Francisco Resek Sociedade de Advogados (BRA)  
Janaina Matida, Faculdade de Direito da Universidade Alberto Hurtado (CHI)  
Lilian Márcia Balmant Emerique, Faculdade Nacional de Direito - UFRJ (BRA)  
Luciana Costa da Fonseca, Faculdade de Direito da UFPA e do CESUPA (BRA)  
Maria Cristina Carmignani, Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (BRA)  
Maria João Estorninho, Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (POR)  
Paula Rosado Pereira, Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (POR)  
Paula Vaz Freire, Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (POR)  
Pedro Romano Martinez, Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (POR)  
Rute Saraiva, Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (POR)  
Sergio Torres Teixeira, Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco (BRA)  
Susana Antas Videira, Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (POR)

#### **Corpo de Avaliadores – Review Board**

Anjuli Tostes Faria Melo  
Camila Franco Henriques  
Carla Valério  
Caroline Lima Ferraz  
César Fiuza  
Eduardo Alvares de Oliveira  
Francine Pinto da Silva Joseph  
Isaac Kofi Medeiros  
J. Eduardo Amorim  
José Antonio Cordeiro de Oliveira  
Leonardo Bruno Pereira de Moraes  
Leonardo Castro de Bone  
Marcelo Ribeiro de Oliveira  
Marcial Duarte de Sá Filho  
Maria Vitoria Galvan Momo  
Plínio Régis Baima de Almeida  
Rafael Vasconcellos de Araújo Pereira  
Rafaela Câmara Silva  
Renato Sedano Onofre  
Sílvia Gabriel Teixeira  
Thais Cirne  
Vânia dos Santos Simões

# **A NÃO MULHER: USO DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA REPRESENTAÇÃO DE SUZANE VON RICHTHOFEN PELOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E NA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA BRASILEIRA**

*The non-woman: use of gender, race and class stereotypes in the representation of Suzane Von Richthofen by the media and in Brazilian cinematographic production*

Camila Franco Henriques \*

Resumo: A considerar que o discurso e a comunicação tendem a reproduzir estereótipos construídos socialmente, interessou-se em pesquisar os produtos e representações midiáticas e cinematográficas acerca do caso Suzane Von Richthofen, que ganhou novamente notoriedade em 2021 com o lançamento do filme *A menina que matou os pais*. Utilizando uma abordagem qualitativa, o método hipotético-dedutivo e um procedimento monográfico e comparativo, busca-se, compreender a representação de Suzane Von Richthofen, a partir da interseccionalidade das categorias de estereótipos de gênero, raça e classe, nos meios de comunicação e na produção cinematográfica brasileira. A pesquisa bibliográfica abrange periódicos, bancos de dados de universidades, livros e plataformas de filmes da Amazon. A revisão de literatura subsidia a análise e é embasada nas obras de Simone de Beauvoir e Lélia Gonzalez. O artigo, assim, contribui para uma compreensão mais aprofundada dos discursos midiáticos e cinematográficos sobre criminalidade e gênero, destacando a importância da análise interseccional para uma visão crítica dessas representações.

Palavras-chave: Suzane Von Richthofen; estereótipos; interseccionalidade; meios de comunicação; produção cinematográfica brasileira.

Abstract: Considering that discourse and communication tend to reproduce socially constructed stereotypes, he was interested in researching media and cinematographic

---

\* Docente e Doutoranda na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, com especialidade em História do Direito. Bolsista de Doutoramento pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). Pesquisadora em História do Direito, Direito das Mulheres e Gênero. Mestre em Direito com ênfase em Direitos Humanos e área da especialidade em Trabalho em Condições Análogas à Escravidão pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Advogada. Mentora e Co-fundadora do Projete-se, consultoria acadêmica. Contato: [camila-henriques@fd.ulisboa.pt](mailto:camila-henriques@fd.ulisboa.pt)

products and representations about the Suzane Von Richthofen case, which again gained notoriety in 2021 with the release of the film *The girl who killed the country*. Using a qualitative approach, the hypothetical-deductive method and a monographic and comparative procedure, we seek to understand the representation of Suzane Von Richthofen, from the intersectionality of the categories of stereotypes of gender, race and class, in the media and in the Brazilian film production. Bibliographic research covers journals, university databases, books and Amazon movie platforms. The literature review subsidizes the analysis and is based on the works of Simone de Beauvoir and Lélia Gonzalez. The article thus contributes to a deeper understanding of media and cinematographic discourses on crime and gender, highlighting the importance of intersectional analysis for a critical view of these representations

Keywords: Suzane Von Richthofen; stereotypes; intersectionality; media; Brazilian film production.

Sumário: 1. Introdução; 2. A figura da mulher na sociedade brasileira: uma leitura a partir de Simone de Beauvoir e Lélia Gonzalez; 2.1. Construção do gênero e seus estereótipos; 2.2. Quem pode ser uma criminosa? E quais crimes essa mulher pode cometer?; 3. O Caso Suzane Von Richthofen; 3.1. Fatos do crime; 3.2. Estratégias de defesa e julgamento; 4. Análise de estereótipos de gênero no Caso Richthofen e sua representação na mídia e na produção cinematográfica brasileira; 4.1. Série Investigação Criminal: Suzane Von Richthofen (T. 01, ep. 02); 4.2. Filme: O menino que matou meus pais; 4.3. Filme: A menina que matou os pais; 4.4. Entrevista concedida ao Fantástico em 09 de abril de 2006; 4.5. Meios de comunicação, reportagens escritas e evolução de narrativas: amostras; 5. Considerações finais.

## 1. Introdução

A figura de Suzane Von Richthofen, cujo nome será posteriormente referido como Suzane ou Von Richthofen, voltou a ganhar destaque na mídia brasileira em 2021 devido à produção dos filmes brasileiros *A menina que matou os pais* e *O menino que matou meus pais*. Conhecida por ser considerada a mentora do assassinato de seus pais em 2002, um crime que marcou a história do Brasil, Suzane é retratada de diversas formas pela mídia, dependendo da narrativa adotada: boa menina, jovem, loira, bonita, estudada, manipulável, manipuladora, má, louca, vadia, perigosa.

Os estereótipos, como um conjunto de ideias acerca do dever ser de sujeitos que fazem parte de um determinado grupo, inserem-se numa lógica de dominação e perpetuação de violências, mesmo que sem consciência por parte dos sujeitos, seja na posição de dominante ou de dominado. Assim, a problemática da perpetuação de estereótipos de gênero, raça e classe é uma questão complexa e multifacetada que afeta profundamente a sociedade, e que merece atenção daqueles que se propõe a fazer ciência voltada para a transformação da sociedade na busca de mais inclusão e menos desigualdade.

A partir de pesquisa preliminar feita, observou-se que, dos vários artigos científicos que tiveram como objeto o caso Von Richthofen, poucos foram desenvolvidos partir de uma perspectiva de gênero, e não foram encontradas pesquisas com abordagem interseccional, tendo em vista que os poucos trabalhos que refletem sobre questões de gênero, não trazem um aprofundamento sobre questões de raça ou classe. As pesquisas publicadas nas bases de dados ora utilizadas, focaram-se majoritariamente na cobertura midiática do caso, seja a partir de uma análise de discurso, seja a partir da relação da comunicação com o julgamento.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Na plataforma *Scielo*, *Scopus*, *Science Direct*, *Science.gov* e Agência de Bibliotecas e Coleções Digitais de São Paulo não foram encontrados artigos que tivessem por palavras-chave “Richthofen” e tratassem do caso. Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações foram encontradas duas teses e duas dissertações, mas, elas foram desenvolvidas nas áreas de jornalismo, psicologia, sociologia e comunicação. A base de dados Capes Periódicos foram encontrados 93 resultados para o termo “Richthofen” no campo de assunto ou título, deles, apenas 3 tratavam do caso ora em análise. Na plataforma *World Wide Science*, foram encontrados 5 artigos que tratavam sobre o caso, ao triar os resultados pelas línguas: português, inglês, espanhol e francês. Na base de dados do *Google Scholar*, foram analisados os 50 artigos mais relevantes, dos quais a maioria trata do caso a partir da linguagem (meios de comunicação, análise de discurso, semiótica, representação de Suzane Von Richthofen), psicologia (psicose, psicopatia, sociopatia, fatores psicológicos) ou de análise jurídica (criminologia feminina, punitivismo, sistema de penas, influência da mídia no julgamento), mas, há escassez da análise do caso a partir de uma perspectiva feminista.

Considerando que esses estereótipos, que estão enraizados nas estruturas sociais, culturais e históricas, são potenciais perpetuadores de desigualdades e violências, é imprescindível realizar pesquisas a partir de uma perspectiva interseccional. Essa abordagem crítica nos permite analisar as construções sociais de desigualdade, compreender suas formas de criação e manutenção e desafiar essas formas de violência simbólica. A análise interseccional nos ajuda a desvelar uma realidade mais concreta, afastando-se de generalizações abstratas, e fornece ferramentas para analisar as interações entre diferentes marcadores sociais. Estas considerações, somadas à ausência de materiais produzidos sobre o caso que consideram esses indicadores, impulsionaram a produção deste trabalho.

Neste contexto, o presente artigo se propõe a responder: em que medida as narrativas do caso Suzane Von Richthofen nos meios de comunicação e cinematográfico brasileiro reproduzem estereótipos de gênero, raça e classe? Acredita-se que os meios representam Suzane, direta ou veladamente, a partir estereótipos sociais relacionados à mulher, e acabam por construir uma imagem de “não-mulher” a uma jovem, branca, rica e assassina. Ou seja, há a construção de narrativas que a afastam do “ser mulher” pelo fato de ela não se encaixar nos padrões sociais femininos impostos, o que demonstra um acentuado uso de estereótipos de gênero para retratá-la nas mídias e filmes nacionais brasileiros.

A fim de testar a hipótese, serão realizadas buscas para identificar a presença de estereótipos de gênero entrelaçados com raça e classe em notícias veiculadas em sites de acesso público, que não requerem assinatura, e em produções cinematográficas disponíveis na plataforma de vídeo *Amazon Prime* sobre o caso Von Richthofen. O trabalho, será, então, dividido em 3 partes: i. noções acerca da construção dos estereótipos do ser mulher na sociedade brasileira e seus reflexos

na criminalidade, usando como base as teorias de Simone de Beauvoir e Lélia Gonzalez, e da figura da mulher criminosa; ii. especificidades do caso discorrendo sobre os fatos, as estratégias da defesa e o julgamento, a partir de reportagens e materiais acadêmicos sobre o caso; iii. representação de Suzane Von Richthofen pelos meios de comunicação e filmes brasileiros, a partir das características atribuídas a ela ou conforme nossa interpretação.

A pesquisa adotará uma abordagem qualitativa, utilizando o método hipotético-dedutivo. Serão utilizados os métodos procedimentais monográfico, por meio do estudo de caso de Suzane Von Richthofen, e comparativo, a partir da comparação entre os estereótipos construídos socialmente sobre a mulher e a representação de Suzane na mídia e filmes brasileiros. Será desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, com o levantamento de fontes em periódicos, bancos de dados de universidades brasileiras, livros e na plataforma de streaming *Amazon Prime*. Os artigos em periódicos e trabalhos de conclusão de curso, mestrado e doutorado, com ênfase naqueles que analisaram a narrativa do caso nos meios de comunicação, foram obtidos nas plataformas *Google Scholar* e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

## **2. A figura da mulher na sociedade brasileira: uma leitura a partir de Simone de Beauvoir e Lélia Gonzalez**

Ao se tencionar a falar da “figura da mulher”, tem-se já no ponto de partida uma categoria inserida na divisão da sociedade: o gênero. Esta divisão possui dois



grupos: o ser homem e o ser mulher.<sup>4</sup> Estes grupos possuem formas específicas de expressão, que são construídas e reproduzidas socialmente e vão além de diferenças biológicas. Roupas, cabelos, acessórios, como se portar, quais cuidados ter, com quais brinquedos brincar... E mesmo que atualmente haja um movimento de contestação dessa divisão<sup>5</sup>, é inegável que ela existe. Para comprovar isso, basta ir a qualquer loja de roupas.<sup>6</sup>

Essa divisão social é manifestada nos estereótipos e divisão de papéis entre homens e mulheres, que os diferencia e polariza. O homem é objetivo, a mulher subjetiva. O homem é racional, a mulher é emotiva. O homem é ativo, a mulher é passiva. O homem é dominante, a mulher é dominada. O homem é universal, a mulher é particular. O homem serve de exemplo, a mulher cai em esquecimento<sup>7</sup>.

---

<sup>4</sup> Este artigo se restringirá à relação dual heteronormativa homem-mulher, ou seja, se restringirá ao binarismo de gênero, não abrangendo questões como homossexualidade, transexualidade, gênero não binário, e outros.

<sup>5</sup> Cf. DONNA HARAWAY; HARI KUNZRU; TOMAZ TADEU (org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2.<sup>a</sup> ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009; PAUL B. PRECIADO. *Manifesto contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014; THOMAS LAQUEUR. *Inventando o sexo*. Corpo e gênero dos gregos a Freud. Tradução de Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001; THIAGO AUGUSTO GELÃO DE AZEVEDO. *Direitos Para Alienígenas Sexuais*. 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2021; MARIA LÉO ARARUNA (org.). *Nós trans: escrituras de resistência*. Grupo Transcritas Coletivas. Belo Horizonte: Litera Trans, 2017; Berenice Bento. *Transviad@s*. Gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador: EDUFBA, 2017.

<sup>6</sup> “[...] basta passear de olhos abertos para comprovar que a humanidade se reparte em duas categorias de indivíduos, cujas roupas, rostos, corpos, sorrisos, atitudes, interesses, ocupações são manifestamente diferentes; talvez essas diferenças sejam superficiais, talvez se destinem a desaparecer. O certo é que por enquanto elas existem com uma evidência total.” SIMONE DE BEAUVOIR. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 3.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. p. 11.

<sup>7</sup> Sobre o esquecimento histórico da mulher, MICHELLE PERROT indica que existe um silenciamento feito pelos sujeitos autorizadores do discurso, ou seja, os que estavam na posição de poder falar e controlar quem fala e sobre o que se fala, conseqüentemente, sobre o que não se fala, como é o caso das mulheres, como sujeitos ou objetos históricos. “O silêncio é comum das mulheres. Ele convém à sua posição secundária e subordinada. Ele cai bem em seus rostos, levemente sorridentes, não deformados pela impertinência do riso barulhento e viril. Bocas fechadas, lábios cerrados, pálpebras baixas, as mulheres só podem chorar, deixar as lágrimas correrem como a água de uma inesgotável

Neste seguimento, “[...] A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo. [...] O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro”<sup>8</sup>. Essa ideologia dicotômica, que foi reforçada ao longo dos séculos pelo discurso político, religioso, científico e social<sup>9</sup>, dá as bases para os estereótipos de gênero reproduzidos atualmente e tidos como uma ordem “natural” das coisas e da sociedade. Estes, nada mais são do que conjuntos de crenças ou generalizações simplificadas sobre as características, comportamentos, papéis e habilidades que são atribuídos a um dever ser dos homens e mulheres, com base em suas identidades de gênero. Mas, a imposição dessas noções preconcebidas são impostas antes que haja propriamente a identificação de gênero<sup>10</sup>, ela se coloca desde o momento que o indivíduo nasce, a partir do seu sexo biológico<sup>11</sup>.

Essa divisão se robustece no processo de acumulação de capital e consolidação do capitalismo, que usa o patriarcado como ferramenta de apoio para

---

dor, da qual, segundo Michelet, elas ‘detém o sacerdócio’. O silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento [...]. Silência no espaço público onde sua intervenção coletiva é assimilada à histeriado grito e uma atitude barulhenta demais como a da ‘vida fácil’. Silêncio até mesmo na vida privada [...] ‘Seja bela e cale a boca’, aconselha-se às moças casadoiras, para que evitem dizer bobagens ou cometer indiscrições”. MICHELLE PERROT. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005. pp. 9-10.

<sup>8</sup> SIMONE DE BEAUVOIR. *O segundo sexo: fatos e mitos*. [...] pp. 12-13.

<sup>9</sup> “Legisladores, sacerdotes, filósofos, escritores e sábios empenharam-se em demonstrar que a condição subordinada da mulher era desejada no céu e proveitosa na Terra. As religiões forjadas pelos homens refletem essa vontade de domínio: buscaram argumentos nas ledas de Eva, de Pandora, puseram a filosofia e a teologia a serviço de seus desígnios, como vimos pelas frases de Aristóteles e são Tomás.” SIMONE DE BEAUVOIR. *O segundo sexo: fatos e mitos*. [...] p. 19.

<sup>10</sup> Sobre a identificação e o processo performativo das identidades de gênero, Cf. JUDITH BUTLER. *O gênero em disputa: feminismo e subversão identitária* Buenos Aires, Paidós, 1990; JUDITH BUTLER. *Corpos que importam*. Sobre os limites discursivos do ‘sexo’. Nova York: Routledge, 1993.

<sup>11</sup> Exemplos disso são os bebês que nascem com o sexo biológico feminino saírem da maternidade com a orelha furada, usarem vestidos, laços e cores consideradas femininas e delicadas.

o controle e submissão das mulheres, junto à implementação dos cercamentos e privatização de terras. A caça às bruxas, por exemplo, foi um mecanismo que serviu ao processo de subjugação das mulheres, desvalorização de seus papéis e silenciamento de suas vozes. Neste período de transição do regime feudal para o mercantil e, posteriormente, capitalista, as mulheres foram alvo de uma violência sistemática e estrutural, que culminou no enfraquecimento do poder feminino ao passo que o controle masculino e o sistema capitalista se fortaleceram.<sup>12</sup> Mas, é importante entender as diferenças nos processos que ocorreram em lugares como Europa e lugares que serviram como antro escravista, como África e América Latina.

Na Europa, foi construída essa classe de esposa-trabalhadora em tempo integral. Mesmo que muitas mulheres também trabalhassem fora de casa, era entendido que o trabalho primordial era cuidar dos trabalhadores. Isso foi parte de um projeto capitalista de investir na classe trabalhadora dando a ela uma casa e um salário para que fosse mais produtiva. Na África e na América Latina, essa realidade sempre foi bem diferente. Porque o Estado nunca esteve preocupado em investir nos trabalhadores, mas sim em consumi-los. Então, a tarefa das mulheres nunca foi reproduzir sua comunidade, mas reproduzir a vida dos ricos.<sup>13</sup>

Neste sentido, deve-se ter em mente que ao se falar da construção da sociedade brasileira, estão na base do sistema estrutural de desigualdade e violência os três fatores indissociáveis: gênero, pela perda do poder feminino e controle da sexualidade; raça, pela exploração dos negros diante da escravidão; e classe, pela

---

<sup>12</sup> Cf. SILVIA FEDERICI. *Mulheres e caça às bruxas: da idade média aos dias atuais*. Tradutora HECI REGINA CANDIANI. Título original: *Witches, Witch-Hunting, and Women*. São Paulo: Boitempo, 2019. *E-book*.

<sup>13</sup> BIANCA SANTANA. Prefácio. In: FEDERICI. *Mulheres e caça às bruxas: da idade média aos dias atuais*. Tradutora HECI REGINA CANDIANI. Título original: *Witches, Witch-Hunting, and Women*. São Paulo: Boitempo, 2019. *E-book*. p. 29.

implementação do sistema capitalista onde os trabalhadores eram usados até seu exaurimento. Cabia, então, à mulher negra, escrava ou trabalhadora, servir a família<sup>14</sup>. E, à mulher branca, o “culto da verdadeira feminilidade” (*cult of true womanhood*), assente em quatro características: piedade, pureza, submissão e domesticidade<sup>15</sup>, altamente influenciado pela lógica disseminada na Europa. Desde logo é possível perceber que os estereótipos acerca da mulher brasileira podem ser divididos em, pelo menos, dois grupos, a depender da sua condição social, que está diretamente atrelada à sua raça.

Assim, este tópico dará noções acerca da construção dos estereótipos do ser mulher na sociedade brasileira e seus reflexos na criminalidade, ou seja, quem pode ser uma criminosa? Essa análise será desenvolvida a partir das construções teóricas de Simone de Beauvoir e Lélia Gonzalez, autoras que ganham notoriedade a partir da segunda metade do século XX diante dos questionamentos sobre a “ordem natural” posta, cada uma a partir da sua realidade. Uma como mulher branca europeia, outra como mulher negra brasileira. Ambas com críticas revolucionárias para que possamos pensar a sociedade hoje a partir de gênero, raça

---

<sup>14</sup> Esta lógica ainda possui reprodução frequente no trabalho doméstico brasileiro. Cf. FRANCISCA ELENIR ALVES. *De escrava a Cidadã*: Educação trabalho e emancipação das Trabalhadoras domésticas. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação. Orientador: Àlamo Pimental. Salvador, 2013; RENATA DUVAL MARTINS. *Servidão doméstica*: uma análise do caso Siwa-Akofa Siliadin à luz das normas da Organização Internacional do Trabalho. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Direito. Orientadora: Luciane Cardoso Barzotto. Porto Alegre, 2017; MARCELA RAGE PEREIRA. *A invisibilidade do trabalho escravo doméstico e o afeto como fator de perpetuação*. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Direito. Orientadora: Livia Mendes Moreira Miraglia. Belo Horizonte, 2021; LORENA FERES DA SILVA TELLES. *Libertas entre sobrados*: contratos de trabalho doméstico em São Paulo na derrocada da escravidão. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2021.

<sup>15</sup> BARBARA WELTER. *The Cult of True Womanhood*: 1820 - 1860. *American Quarterly*, 18. 1966.

e/ou classe. Simone de Beauvoir trazendo a ideia da construção social do gênero, com a famosa “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, e Lélia González, demonstrando que, não se pode pensar no que é ser mulher sem trazer uma dimensão racial para análise, especialmente em se tratando de um país como o Brasil. Então, como responder o que é ser uma mulher na sociedade brasileira?

### 2.1. Construção do gênero e seus estereótipos

Ao identificar, dentro da lógica binária, duas classes dentro da categoria de gênero, Simone de Beauvoir começa sua obra mais conhecida com a pergunta “o que é uma mulher?”<sup>16</sup>. O ser mulher por vezes se confunde com ter um útero, por outras com a feminilidade, outras até mesmo com a noção enigmática do eterno feminino. Mas, o desenvolvimento das ciências gera o enfraquecimento da imutabilidade de conceitos, tornando mais complexa a tentativa de definir o que é uma mulher. Apesar das mudanças, um ponto se mantém: o ser universal, positivo e neutro é o homem, enquanto a mulher é o outro, o particular, o negativo, sendo exigido que se abstenham da sua subjetividade para ter possibilidade de ser aceita na esfera pública. A mulher se constrói, então, como o “inessencial”, definindo-se a partir do homem.<sup>17</sup>

É a partir da reflexão do que é ser uma mulher que Beauvoir desenvolve sua obra e constata que ser mulher é uma construção social, ou seja, não é algo que

---

<sup>16</sup> SIMONE DE BEAUVOIR. *O segundo sexo: fatos e mitos*. [...] p. 9.

<sup>17</sup> SIMONE DE BEAUVOIR. *O segundo sexo: fatos e mitos*. [...] pp. 9-14. As mulheres “Não têm passado, não têm história nem a religião própria; não têm, como os proletariados, uma solidariedade de trabalho e interesses [...]. Vivem dispersas entre os homens, ligadas pelo *habitat*, pelo trabalho, pelos interesses econômicos, pela condição social a certos homens – pai ou marido – mais estreitamente do que a outras mulheres. Burguesas são solidárias dos burgueses e não das mulheres proletariadas; brancas, dos homens brancos e não das mulheres negras.” SIMONE DE BEAUVOIR. *O segundo sexo: fatos e mitos*. [...] p. 16.

deriva da biologia, da natureza, mas sim, algo que é ensinado, construído socialmente. Disto, infere-se que essas características esperadas de uma mulher, ou seja, os estereótipos de gênero referentes à mulher, são mutáveis, pois a sociedade é mutável, bem como o preenchimento dos conceitos e ideias construídos por ela.<sup>18</sup>

Aos homens cabem as características positivas, às mulheres as negativas, limitadoras. A mulher se coloca no mundo a partir das suas diferenças do homem. O homem é o sujeito neutro, universal, a mulher é o outro (ser). A mulher é mulher pela falta de qualidades, pela sua debilidade natural, desde Aristóteles. “[...] a superioridade é outorgada não ao sexo que engendra, e sim ao que mata”<sup>19</sup>. Assim, a imagem da mulher é construída a partir do homem.

O homem, burguês e branco, detentor do poder real, é o responsável pela sedimentação das normas sociais no curso da história. Ele cria e implementa ordens que o favorecem. Coloca o negro na condição de escravo, o pobre na condição de trabalhador, a mulher na condição de submissa, logo, é somente isto que eles podem ser<sup>20</sup>. Assim, este homem, impõe a condição de inferioridade que limita o seu outro para se beneficiar da sua exploração que, quando paga, é mal paga.

Da mulher se espera, por se entender natural, passividade, submissão, servidão, fraqueza, abnegação, docilidade, sensibilidade, cuidados, carinhos, acolhimento, pureza, inocência, castidade, inaptidão para o trabalho, falta de desejos sexuais, ignorância, debilidade intelectual e, claro, almejar o casamento e a maternidade. Todas as características esperadas da feminilidade inata da mulher.<sup>21</sup>

---

<sup>18</sup> SIMONE DE BEAUVOIR. *O segundo sexo: fatos e mitos*. [...] pp. 9-91.

<sup>19</sup> SIMONE DE BEAUVOIR. *O segundo sexo: fatos e mitos*. [...] p. 98.

<sup>20</sup> SIMONE DE BEAUVOIR. *O segundo sexo: fatos e mitos*. [...] *passim*.

<sup>21</sup> SIMONE DE BEAUVOIR. *O segundo sexo: fatos e mitos*. [...] *passim*.

“[...] a mulher é, a um tempo, Eva e a Virgem Maria. É um ídolo, uma serva, a fonte da vida, uma força das trevas; é o silêncio elementar da verdade, é artifício, tagarelice e mentira; a que cura e a que enfeitiça; é a presa do homem e a sua perda, é tudo o que ele quer ter, sua negação e sua razão de ser”<sup>22</sup>.

Dentro da cultura brasileira, alguns comportamentos derivados desses estereótipos podem ser observados a partir da vivência comum. As meninas, crianças que nascem com o sexo biológico feminino, comumente têm suas orelhas furadas logo após nascer. Desde bebês devem usar rosa, vestidos, laços. Ao passo que crescem devem “porta-se bem”, o que se traduz em sentar-se de pernas fechadas, não ficar correndo, subindo em árvores ou se sujar. Na adolescência devem manter-se virgens, tomar cuidado com a fama para não ficarem mal faladas, não devem se tocar, mas, devem ter relacionamentos amorosos – com homens, claro. Já no início da fase adulta surgem as cobranças para casamento e maternidade, que se intensificam com o passar dos anos. Nesta fase, ela deve manter-se simpática e agradável, respeitosa e submissa, pois uma mulher não pode ser inconveniente<sup>23</sup>.

Importa destacar que essas características, no geral, eram esperadas de mulheres brancas. A mulher negra é a trabalhadora braçal, não qualificada

---

<sup>22</sup> SIMONE DE BEAUVOIR. *O segundo sexo: fatos e mitos*. [...] p. 203.

<sup>23</sup> “[...] sua postura normal é a escuta, a espera, o guardar as palavras no fundo de si mesmas. Aceitar, conformar-se, obedecer, submeter-se e calar-se. Pois este silêncio, imposto pela ordem simbólica, não é somente o silêncio da fala, mas também o da expressão, gestual ou escriturária. O corpo das mulheres, sua cabeça, seu rosto devem às vezes ser cobertos e até mesmo velados. ‘As mulheres são feitas para esconder a sua vida’ na sombra do gineceu, do convento ou da casa. [...] Pois o silêncio era ao mesmo tempo disciplina do mundo, das famílias e dos corpos, regra política, social, familiar [...], pessoal. Uma mulher conveniente não se queixa, não faz confidências, exceto, para as católicas, a seu confessor, não se entrega. O pudor é sua virtude, o silêncio, sua honra, a ponto de se tornar uma segunda natureza.” MICHELLE PERROT. *As mulheres ou [...]*. pp. 10

intelectualmente e, quando se permite que ela ocupe postos mais altos na hierarquia social, ela é colocada em lugares de entretenimento, como cantora, dançarina, passista, mulata. A mulher negra é “um corpo que trabalha e é superexplorado economicamente, ela é a faxineira, arrumadeira e cozinheira [...]; como um corpo que fornece prazer e é superexplorado sexualmente, ela é a mulata do Carnaval cuja sensualidade recai na categoria do ‘erótico-exótico’”<sup>24</sup>.

Este “duplo papel” presente nos estereótipos das mulheres negras derivam da sua história no Brasil, intimamente relacionada com a escravidão<sup>25</sup>. Seja como corpo superexplorado para o trabalho, seja como corpo superexplorado sexualmente, ao menos um ponto em comum existe: servir aos brancos. O discurso pedagógico *mainstream* no Brasil normalmente coloca a história brasileira como sendo uma história de “soluções pacíficas de tensões ou conflitos [...]”. Por aí se pode imaginar o tipo de estereótipos difundidos a respeito do negro: passividade, infantilidade, incapacidade intelectual, aceitação tranquila da escravidão etc.”<sup>26</sup>, desconsiderando os movimentos de resistência negra que existiram pelo menos desde 1559 e o papel que a mulher negra teve nessa luta<sup>27</sup>.

A mulher negra escrava se dividia em duas categorias na lógica econômica colonial: trabalhadora do eito e a mucama. À trabalhadora do eito era imposta a superexploração do trabalho nas terras, a exemplo das plantações de cana-de-

---

<sup>24</sup> LÉLIA GONZALEZ. A mulher negra no Brasil. In: *Por um feminismo Afro-latino-americano*. FLÁVIA RIOS; MÁRCIA LIMA (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020. *E-book*. p. 224.

<sup>25</sup> Vale lembrar que “Oficialmente o tráfico negreiro se iniciou em 1550, se bem que já existissem trabalhando nas plantações de cana-de-açúcar brasileiras. E já no final do século XVI os escravos constituíam a maioria da população da nova colônia portuguesa”. LÉLIA GONZALEZ. A mulher negra na sociedade brasileira. In: *Por um feminismo Afro-latino-americano*. FLÁVIA RIOS; MÁRCIA LIMA (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020. *E-book*. *E-book*. p. 59.

<sup>26</sup> LÉLIA GONZALEZ. A mulher negra na sociedade brasileira [...]. *E-book*. p. 60.

<sup>27</sup> Cf. LÉLIA GONZALEZ. A mulher negra na sociedade brasileira [...]. *E-book*. pp. 60-62.



açúcar<sup>28</sup>. À mucama cabiam as tarefas domésticas da casa grande, a incluir ser ama de leite dos filhos brancos da sinhá e do senhor das terras<sup>29</sup>. Vale destacar que, além da superexploração que lhe era imposta, fosse na terra, fosse na casa grande, a mulher negra tinha o papel de desempenhar os deveres domésticos e de cuidado nas senzalas, sendo também o suporte e fonte de apoio moral de seu parceiro, filhos e companheiros de cativeiro<sup>30</sup>. Como se tudo isso não retratasse uma condição nociva “o suficiente”, mulheres negras ainda eram objeto de investidas sexuais dos senhores branco e objetos de ódio das sinhás<sup>31</sup>.

Como ressalta Lélia Gonzalez, às mulheres negras, além dos estereótipos de gênero, recaem os estereótipos de raça. “[...] o *racismo* se constitui como a *sintomática* que caracteriza a *neurose cultural brasileira*. Nesse sentido, [...] sua articulação com o sexismo produziu efeitos violentos sobre a mulher negra em particular”<sup>32</sup>. E mesmo dentro do movimento feminista, as mulheres negras, ao se

---

<sup>28</sup> Interessante observar que “enquanto escrava do eito, ninguém melhor do que a mulher para estimular seus companheiros para a fuga ou a revolta – trabalhando de sol a sol subalimentada e, muitas vezes, cometendo suicídio para que o filho que trazia no ventre não tivesse o mesmo destino que ela. Vale notar que a vida média de um escravo produtivo não ultrapassava os dez anos. Depois disso, os senhores dele se livravam mediante a concessão da alforria, que significava um tipo especial de ‘liberdade’: a de morrer de fome, em função da invalidez precocemente adquirida (sendo este o sentido da ‘Lei’ dos Sexagenários).” LÉLIA GONZALEZ. A mulher negra na sociedade brasileira [...]. *E-book*. pp. 63-64.

<sup>29</sup> “Enquanto mucama, cabia-lhe a tarefa de manter, em todos os níveis, o bom andamento da casa-grande: lavar, passar, cozinha, fiar, tecer, costurar e amamentar as crianças nascidas do ventre ‘livre’ das sinhazinhas.” LÉLIA GONZALEZ. A mulher negra na sociedade brasileira [...]. *E-book*. p. 64.

<sup>30</sup> LÉLIA GONZALEZ. A mulher negra na sociedade brasileira [...]. *E-book*. p. 63.

<sup>31</sup> “[...] E isso sem contar com as investidas sexuais do senhor branco que, muitas vezes, convidada parentes mais jovens para se iniciarem sexualmente com as mucamas mais atraentes. Desnecessário dizer o quando era objeto do ciúme rancoroso da senhora.” LÉLIA GONZALEZ. A mulher negra na sociedade brasileira [...]. *E-book*. p. 64.

<sup>32</sup> LÉLIA GONZALEZ. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Por um feminismo Afro-latino-americano*. FLÁVIA RIOS; MÁRCIA LIMA (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020. *E-book*. p. 98.

insurgirem, tinham o estereótipo de agressivas ou difíceis de dialogar quando não aceitavam, sem discordar, as pautas colocadas pelas feministas brancas<sup>33</sup>.

Assim, a mulher negra é colocada em posição de inferioridade e serventia às famílias brancas de classe média ou prestando outros serviços de baixa remuneração. À mulher negra sempre cabe servir, servir a família branca com seus serviços<sup>34</sup>, servir ao homem branco com seu corpo, caracterizando o ditado “preta para cozinhar, mulata para fornicar e branca para casar”<sup>35</sup>. Fala-se, então, de uma dupla imagem acerca da mulher negra: mulata ou doméstica<sup>36</sup>.

Apesar da difusão do mito da democracia racial<sup>37</sup>, na prática negros são colocados na “lata de lixo da sociedade brasileira” por meio de um discurso ideológico domesticado. Por isso, mulheres negras atualmente, mesmo que com bom padrão financeiro, continuam a ser discriminadas, mais parece que nunca se saiu da ideia de que o “lugar natural” de uma mulher negra é entrar pela porta de serviço das belas residências, morar nas favelas, trabalhar como doméstica, servente, faxineira ou outra atividade que não lide diretamente com o público, ser

---

<sup>33</sup> ENTREVISTA AO JORNAL DO MNU. In: *Por um feminismo Afro-latino-americano*. FLÁVIA RIOS; MÁRCIA LIMA (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 427-441.

<sup>34</sup> “Foi em função da sua atuação como mucama que a mulher negra deu origem à figura de mão preta, ou seja, aquela que efetivamente, ao menos em termos de primeira infância (fundamental na formação da estrutura psíquica de quem quer que seja), cuidou e educou os filhos de seus senhores [...]” LÉLIA GONZALEZ. A mulher negra na sociedade brasileira [...]. *E-book*. p. 64.

<sup>35</sup> LÉLIA GONZALEZ. A mulher negra na sociedade brasileira [...]. *E-book*. p. 208-224.

<sup>36</sup> LÉLIA GONZALEZ. Racismo e sexismo na cultura brasileira. [...] *E-book*. p. 99.

<sup>37</sup> “[...] em termo de Brasil, [...] os ‘casamentos inter-raciais’ nada mais foram do que o resultado da violentação de mulheres negras por parte da minoria branca dominante (senhores de engenho, traficantes de escravos etc.). E esse fato daria origem, na década de 1930, à criação do mito que até os dias de hoje afirma que o Brasil é uma democracia racial. Gilberto Freyre, o famoso historiador e sociólogo, é seu principal articulador com a sua teoria do lusotropicalismo. O efeito maior do mito é a crença de que o racismo inexistente em nosso país graças ao processo de miscigenação”. LÉLIA GONZALEZ. A mulher negra na sociedade brasileira [...]. *E-book*. p. 60.

violenta, agressiva – quando não está cuidando do filho do branco, servir sexualmente o homem branco para sua iniciação ou prática antes do casamento, ou, então, estar na prisão.<sup>38</sup>

Assim, Beauvoir desenvolve sua obra e desafia a visão tradicional da feminilidade e dos papéis de género. Ao destacar as construções sociais e culturais que moldam a identidade de género, a autora revela que a feminilidade não é uma inevitabilidade biológica, mas sim uma construção social imposta às mulheres. A sua famosa afirmação de que "não se nasce mulher, torna-se mulher" tornou-se um grito de guerra para as feministas de todo o mundo, desafiando a ideia de que as mulheres são inerentemente inferiores aos homens. Através do seu trabalho, de Beauvoir abriu caminho para uma compreensão mais matizada e crítica do género, inspirando gerações de académicos e ativistas a continuar a luta pela igualdade de género.

Lélia Gonzalez, por sua vez, como proeminente socióloga, educadora e ativista brasileira, contribui amplamente para o campo dos estudos sobre as mulheres. Introduziu a ideia de interseccionalidade, que se refere à natureza interligada de categorias sociais como o género, a raça e a classe. O seu trabalho é fundamental para realçar a forma como a opressão baseada no género é frequentemente agravada por outras formas de discriminação, conduzindo a desigualdades complexas e multifacetadas. Gonzalez enfatizou a importância de

---

<sup>38</sup> LÉLIA GONZALEZ. Racismo e sexismo na cultura brasileira. [...] *E-book*. p. 95-120. Ressalta-se que, "Para as jovens negras, [restam] o trabalho doméstico nas casas de família de classe média e da burguesia, ou então a prostituição aberta e a mais sofisticada dos dias atuais: a profissão de mulata" LÉLIA GONZALEZ. A juventude negra brasileira e a questão do desemprego. In: *Por um feminismo Afro-latino-americano*. FLÁVIA RIOS; MÁRCIA LIMA (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020. *E-book*. p. 56.

reconhecer a diversidade e a complexidade das identidades e experiências das mulheres, pois isso é crucial para o desenvolvimento de estratégias eficazes de combate à discriminação e de promoção da justiça social.

De acordo com as observações efetuadas, parece existir uma imagem socialmente esperada das mulheres que varia em função da sua raça e classe. Para as mulheres brancas, certas características como a docilidade, a submissão, a feminilidade, o casamento e a maternidade são consideradas desejáveis e esperadas delas. Estas expectativas podem ter origem em papéis tradicionais de género que foram transmitidos ao longo de gerações. Por outro lado, espera-se que as mulheres negras cumpram os requisitos da força de trabalho e satisfaçam os desejos masculinos, particularmente os dos homens brancos. Estas expectativas podem ser o resultado de estereótipos profundamente enraizados e de preconceitos raciais que prevaleceram na sociedade.

## 2.2. *Quem pode ser uma criminosa? E quais crimes essa mulher pode cometer?*

Construiu-se na história a imagem de que a mulher era menos propensa a incidir na vida do crime pelo fato de ser mulher, o que está intimamente ligado aos estereótipos de gênero supra explanados. O “ser mulher” implicava na ideia de subdesenvolvimento social, criativo e intelectual, de passividade – baseada na biologia e mobilidade dos gametas sexuais – e de características “inerentemente femininas”<sup>39</sup>.

Acreditava-se que as mulheres desviantes, como as loucas e as prostitutas, que tinham maior inclinação sexual, tinham mais tendências do que as “mulheres

---

<sup>39</sup> ELIZABETE DAVID NOVAES; ANA PAULA MURARI. Uma reflexão teórico-sociológica acerca da inserção da mulher na criminalidade. *Sociologia Jurídica*, [s. l.], n. 10, jan./jun. 2010. *Passim*;

normais”, e até mesmo que os homens, para ingressarem na vida da criminalidade. As “mulheres normais”, diante da sua “natureza”, estão sujeitas a cometer crimes em decorrência de fenômenos biológicos e hormonais: puberdade, menstruação, parto e menopausa<sup>40</sup>. Mas, o comum era que as mulheres, com seu sentimento inato de maternidade, que se contrapunha à intensidade sexual e à inteligência, ficassem afastadas da possibilidade de cometer crimes<sup>41</sup>.

Apesar da disseminada ideologia de afastamento entre mulher e criminalidade, normalmente desatrelados ao seu encarceramento doméstico, verificou-se um aumento na criminalidade feminina quando as mulheres passaram a ocupar locais públicos. A realidade de se tornarem chefes de família contribuiu para este aumento, pois há uma relação entre o sustento da família por mulheres, pobreza, falta de acesso à educação, maior vulnerabilidade à violência e cometimento de crimes. A é a necessidade de prover para sua família tem se mostrado como principal causa do ingresso de mulheres na vida de crimes<sup>42</sup>.

Influenciado por toda construção de separação entre a mulher “de verdade” e a criminalidade, não raras vezes as mulheres são consideradas vítimas nas fases de investigação e inquérito. Neste cenário, cria-se tanto a ideia de quem seria a mulher criminoso, sendo, em regra, a mulher pobre, prostituta, louca, marginalizada – e geralmente negra – e quais seriam os “crimes femininos”, normalmente

---

<sup>40</sup> ELIZABETE DAVID NOVAES; ANA PAULA MURARI. [...] *passim*. Cf. CESARE LOMBROSO; GUGLIELMO FERRERO. *A mulher delinquente: a prostituta e a mulher normal*. Título original: *La donna delinquente: la prostituta e la donna normale*. Turim, Roma (Itália): Editori L. Roux e C., 1893. Tradução de Antonio Fontoura Junior. Curitiba: Antonio Fontoura, 2017.

<sup>41</sup> RACHEL SOIHET. O corpo feminino como lugar de violência. *Proj. História*. São Paulo, v. 25, dez. 2002. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10592/7882>. Acesso em: 31 mai. 2021. *passim*.

<sup>42</sup> ELIZABETE DAVID NOVAES; ANA PAULA MURARI. [...] *passim*.

atrelados à condição de mulher, como o aborto, infanticídio, homicídio passional. Sendo incomum a relação, e aceitação, entre mulheres e crimes que envolvem violência<sup>43</sup>.

É possível perceber como estereótipos de gênero estão profundamente enraizados na nossa sociedade e afetam a forma como as mulheres criminosas são percebidas. Ademais, é interessante perceber a relação entre a extensão e a natureza do crime feminino, os estereótipos de gênero e o sufocamento da capacidade do sistema de justiça criminal de lidar com a criminalidade feminina de forma eficaz<sup>44</sup>, diante da inaptidão em processar mulheres criminosas de forma justa. Por exemplo, as mulheres que cometem crimes violentos geralmente são vistas como “aberrações”, a partir dos estereótipos de “mulher normal”, o que pode levar, por um lado a clemência, por outro a intransigência, nas sentenças e à incapacidade de abordar questões fundamentais do comportamento criminoso feminino.<sup>45</sup>

Do exposto, conclui-se que a percepção da criminalidade é frequentemente influenciada por estereótipos de gênero, havendo um afastamento entre a figura da “mulher normal” e de quem comete crimes. Os crimes femininos “aceitos” socialmente são ligados em regra à fatores femininos, como a gravidez. Esse afastamento entre a mulher e o crime se intensifica quando são adicionados os

---

<sup>43</sup> ELIZABETE DAVID NOVAES; ANA PAULA MURARI. [...] *passim*.

<sup>44</sup> SUSAN K. DATESMAN; FRANK R. SCARPITTI. *Women, Crime, and Justice*. New York: Oxford University Press, 1980.

<sup>45</sup> DEBORAH W. DENNO. Gender, Crime and the Criminal Law Defenses. *The Journal of Criminal Law and Criminology*, v. 85, n. 1, 1 (Summer, 1994), pp. 80-180. Northwestern University Pritzker School of Law. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1144115>. Acesso em: 3 jun. 2023; Cf. MENDONÇA, LIGIA GAMA E SILVA FURTADO DE. *Da perversão-polimorfa à estrutura perversa: um estudo sobre a possibilidade de haver ‘mulheres’ estruturalmente perversas*. Tese (doutorado) – Centre de Educação e Humanidades. Instituto de Psicologia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Orientadora: Rita Maria Manso de Barros. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/14556>. Acesso em 04 jun. 2023.

marcadores de raça e classe ao se tratar da mulher branca e rica. Por isso, existe um estranhamento geral quando sujeitos com esse perfil (mulheres, brancas e ricas) cometem crimes, em especial os brutais, como homicídio doloso premeditado com emprego de violência, como foi o caso Suzane Von Richthofen, a ser tratado a seguir.

### 3. O Caso Suzane Von Richthofen

O caso Suzane Von Richthofen chocou o Brasil ao revelar uma trama perturbadora envolvendo uma jovem mulher que planejou o brutal assassinato de seus próprios pais. A comoção gerada pelo caso se estendeu além das esferas policiais e jurídicas, alcançando uma ampla cobertura midiática e despertando manifestações e discussões em todo o país. Para uma análise posterior sobre as questões de gênero envolvidas, é importante apresentar os dados considerados essenciais nesse contexto, incluindo uma breve exposição dos fatos que compõem o caso, as estratégias de defesa adotadas e o desenrolar do julgamento. Assim, o presente tópico tem o objetivo de expor sucintamente as especificidades do caso discorrendo sobre os fatos, as estratégias da defesa e o julgamento, a partir do documentário *Investigação Criminal*<sup>46</sup>, de reportagens disponíveis *online* e materiais acadêmicos com buscas pelas palavras-chave caso Suzane Von Richthofen, Suzane Von Richthofen, Von Richthofen ou Richthofen. Destaca-se que estes pontos serão mais bem ilustrados, nas análises dos filmes nos tópicos 4.2. e 4.3.

---

<sup>46</sup> SUZANE Von Richthofen (Temporada 1. Ep. 02). *Investigação criminal* [série]. Direção: Beto Ribeiro. Produção: Medialand. Brasil: Medialand, 2012. Amazon prime (44 min.) son., color.;

### 3.1 Fatos do crime

Antes de adentrar nos fatos noticiados na mídia<sup>47</sup>, documentário<sup>48</sup> e filmes<sup>49</sup>, é importante conhecer as famílias e pessoas envolvidas no caso. A família Von Richthofen era abastada e privilegiada. Manfred, alemão naturalizado brasileiro, era engenheiro, e Marísia, descendente de italianos e libaneses, era psiquiatra. Os filhos do casal, Suzane e Andreas, a época do crime com 18 e 15 anos, frequentavam escolas particulares, atividades extracurriculares, e eram criados de forma rígida e reservada, com foco na educação. A família Cravinhos era uma família humilde, mas sempre retratada como afetuosa. Astrogildo era escrivão de justiça aposentado, Nadja era dona de casa e professora de pintura em tela. Os filhos do casal, Daniel e Cristian, à época do crime com 21 e 26 anos, não tinham instrução superior. Daniel dedicava-se a aeromodelismo desde os 13 anos, tendo ganhado vários campeonatos, inclusive a nível internacional. Cristian era considerado o filho problemático, sendo usuário de drogas. A relação entre as duas famílias se inicia em 1999.

---

<sup>47</sup> PEDRO FREITAS. Caso Suzane Von Richthofen: a menina que planejou a morte dos pais. *Megacurioso*, [s. l.], 03 mar. 2021. Disponível em: <https://www.megacurioso.com.br/misterios/117808-caso-suzane-von-richthofen-a-menina-que-planejou-a-morte-dos-pais.htm>. Acesso em: 28 mai. 2021; LUCAS ALVES. Suzane von Richthofen – Quem é, história do crime e curiosidades. *Segredos do mundo*, [s. l.]. Curiosidades. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/suzane-von-richthofen/>. Acesso em: 28 mai. 2021. *passim*; ASSASSINATO DOS RICHTHOFEN escandalizou Brasil em 2002. G1. São Paulo, 09 set. 2006, atualizado em 25 out. 2006. Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,AA1255845-5605,00.html>. Acesso em: 04 jun. 2023; SUZANE VON RICHTHOFEN: relembre o caso que chocou o Brasil. *Canal Ciências Criminais*. [s. l.], 03 jun. 2023. Disponível em: <https://canalcienciascriminais.com.br/caso-suzane-von-richthofen/>. Acesso em: 04 jun. 2023.

<sup>48</sup> SUZANE Von Richthofen [...], *Investigação criminal* [...].

<sup>49</sup> A MENINA que matou os pais. Direção: Maurício Eça. Produção: Santa Rita Filmes. Brasil: Santa Rita Filmes, 2021. Amazon prime (86 min.) son., color; 2021. Amazon prime (86 min.) son., color.; O MENINO que matou meus pais. Direção: Maurício Eça. Produção: Santa Rita Filmes. Brasil: Santa Rita Filmes, 2021. Amazon prime (88 min.) son., color.



Andreas tinha interesse por aeromodelismo e Daniel Cravinhos, que tinha experiência nessa área, foi contratado como seu professor particular. Durante as aulas, Suzane e Daniel desenvolveram uma aproximação e acabaram se envolvendo romanticamente. Essa relação criou condições para que ambos intensificassem o uso de drogas e sua vida sexual. A queda no aproveitamento escolar de Suzane somada às diferenças de classe das famílias Von Richthofen e Cravinhos, fizeram com que Manfred e Marísia se opusessem ao relacionamento. Então, como meio para ficarem juntos com o dinheiro e sem a interferência dos pais de Suzane, foi arquitetado um plano para sua morte.

Na noite do dia 31 de outubro de 2002, após os pais irem dormir, Suzane e Daniel deixaram Andreas numa *lan house*, encontram-se com Cristian e voltaram para casa da família, localizada no Brooklin, bairro nobre de São Paulo, com Suzane dirigindo o carro. Ao chegarem na casa, Suzane abriu a porta, subiu as escadas, e ligou a luz para sinalizar que Daniel e Cristian podiam subir. Daniel foi para o lado de Manfred e Cristian para o lado de Marísia, golpearam as vítimas várias vezes com as barras de ferro feitas por Daniel.

Manfred morreu rapidamente. Marísia teve uma morte agonizante, pois não morreu logo após os primeiros golpes, tendo sido colocada uma toalha na sua boca para tentar abafar os barulhos feitos por ela antes de morrer. Suspeita-se que Suzane subiu com uma jarra de água, encontrada na cabeceira do quarto do casal, e com um saco de lixo para que fossem colocadas as armas do crime.

Após o assassinato, os três reviraram a casa (ela, o escritório, e eles, o quarto do casal), subtraíram o dinheiro, trocaram de roupa e as colocaram num saco de lixo. Jogaram os sacos de lixo com as roupas e as armas numa avenida. Nunca foram encontrados. Depois que deixaram Cristian em algum ponto, Daniel e Suzane

foram para um motel, para criar um álibi. Passaram lá algum tempo, foram buscar Andreas na *lan house*, Suzane deixou Daniel em casa e voltou para casa com o irmão. Ao chegar lá, ligou para o namorado com a “suspeita” de que havia alguém na casa. Daniel foi até a casa da família e, então, fizeram a ligação para a polícia.

A primeira denúncia recebida pela polícia foi de latrocínio. Mas, sem sinais de arrombamento e com algumas inconsistências do local com o cenário de latrocínio, como o fato de terem somente dois cômodos revirados e de bens de valor ainda permanecerem na casa, o enquadramento neste crime foi descartado pela equipe de investigação, sendo constatado que a finalidade do crime era a morte de Marísia e Manfred.

No dia seguinte, quando a equipe de investigação retornou a casa, Suzane demorou para atender a porta, pois estava na piscina “dando a aparência de uma comemoração”<sup>50</sup>. Dra. Cíntia Tucunduva, delegada responsável pelo caso, conta que ao mostrar o local do crime, Suzane mostrou o quarto onde ocorreu o homicídio com impassividade, o que gerou estranhamento por parte dos investigadores.

Após estimada a hora da morte, entre 22h e 00h, não tardou para os policiais colocarem Suzane na casa neste período. O vigia da rua informou que o único carro que ele viu neste período foi o carro da casa Richthofen. No depoimento, Suzane informou com precisão os valores roubados em dólares, euros e reais e que a pasta na qual eram guardados, estava cortada. Sobre isto, o perito Dr. Ricardo Salada conta que o corte era muito sutil, quase que imperceptível e que havia uma grande

---

<sup>50</sup> CÍNTIA TUCUNDUVA. *In*: Suzane Von Richthofen (Temporada 1. Ep. 02). *Investigação criminal* [série]. Direção: Beto Ribeiro. Produção: Medialand. Brasil: Medialand, 2012. Amazon prime (44 min.) son., color. min 12.

probabilidade de que quem comentasse sobre o corte, tinha conhecimento da feitura dele.

A partir de relatos posteriores dados sigilosamente por amigas de Suzane, tomou-se conhecimento que Manfred havia decidido não celebrar o 19º aniversário da filha devido ao seu comportamento. A notícia de não comemoração do seu aniversário, deixou-a revoltada, e pode ter sido um fator que acentuou a vontade de executar o crime. No dia 03 de novembro Suzane reuniu um grupo de amigos no sítio da família para celebrar seus 19 anos e, supostamente, teria usado parte do dinheiro roubado no dia do assassinato para comprar alimentos e bebidas para o churrasco. Essa conduta teria aumentado o peso das suspeitas que recaíam sobre ela.<sup>51</sup>

Após menos de uma semana de investigação, era já teoria consolidada da polícia que quem havia cometido o crime tinha acesso à casa e a conhecia muito bem. Todas as versões contadas por Suzane foram checadas e constatadas como improváveis, levando a investigação a se focar em Suzane e Daniel. Quando chegou ao conhecimento da equipe de investigação que Cristian havia comprado uma moto, em dólar e à vista, no dia seguinte ao crime, ele, Suzane e Daniel foram intimados a ir para a delegacia. Lá, no dia 9 de novembro, os três confessaram o crime, sendo Cristian o primeiro.

No primeiro dia de prisão, Suzane teria contado aos colegas de cela que teria cometido o crime por raiva, pois os pais queriam afastá-la do namorado. E já

---

<sup>51</sup> PEDRO GRIGORI. 19 anos do caso Richthofen: relembre a cobertura jornalística do crime que parou o país. *Correio Braziliense*. [s. l.], 31 out. 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/10/4959553-19-anos-do-caso-richthofen-relembre-a-cobertura-jornalistica-do-crime-que-parou-o-pais.html>. Acesso em: 04 jun. 2023.

no dia seguinte, seus advogados começaram a trabalhar a versão de que ela estava arrependida e estava preocupada em conseguir o perdão do irmão. Mas, a carcereira a retrata como alguém que parecia indiferente diante da situação.<sup>52</sup>

A versão constatada foi a de que Suzane e Daniel planejaram o crime vendo um programa de televisão. Suzane desligou as câmeras da casa alguns dias antes para que elas não gravassem os três chegando. A motivação do crime teria sido o amor entre Daniel e Suzane, já que Manfred e Marísia seriam contrários ao seu relacionamento. Como a Dra. Cíntia conta, o namoro deles foi proibido pela “diferença de estudos, social [...]. Manfred queria o melhor para sua filha. Tanto que ela era uma moça viajada, estudada e ele planejava que ela fosse concluir os estudos fora do país. E a família do Daniel, não representava isso. Embora lá, ela tivesse o afeto que talvez ela não encontrasse na casa dela”<sup>53</sup>.

Com as provas do caso colhidas, as confissões de Cristian, Daniel e Suzane, o caso se estendeu até a data de seu julgamento no júri popular, que durou seis dias, tendo início em 17 de julho e fim na madrugada de 22 de julho.

### 3.2. *Estratégias de defesa e julgamento*

A defesa de Suzane começou antes do julgamento, por meio de manifestações públicas que alegavam falta de motivação, já que “a ré sempre foi uma menina rica. Tinha tudo o que queria. Nunca teve nenhum motivo para cometer qualquer crime”<sup>54</sup>. Buscaram, também, construir a imagem dela como uma jovem

---

<sup>52</sup> PEDRO GRIGORI. 19 anos do caso Richthofen [...].

<sup>53</sup> CÍNTIA TUCUNDUVA. *In*: Suzane Von Richthofen [...] min 28.

<sup>54</sup> PRISCYLA COSTA. O veredicto: Suzane e Daniel pegam 39 anos e seis meses de prisão. *Consultor jurídico*, [s. l.], 22 jul. 2006. Disponível em: [https://www.conjur.com.br/2006-jul-22/suzane\\_daniel\\_pegam\\_39\\_anos\\_seis\\_meses\\_prisao](https://www.conjur.com.br/2006-jul-22/suzane_daniel_pegam_39_anos_seis_meses_prisao). Acesso em 28 mai. 2021.

frágil, submissa e manipulável. Essa tentativa se revelou, por exemplo, na entrevista concedida ao fantástico em abril de 2006, poucos meses antes do julgamento, que será analisada no tópico a seguir.

No dia do julgamento, os 240 assentos do plenário do Primeiro Tribunal do Júri do Fórum Criminal Ministro Mário Guimarães ficaram lotados para acompanhar o julgamento de Suzane Von Richthofen e dos Irmãos Cravinhos, Daniel e Cristian<sup>55</sup>. Houve uma divergência significativa das versões dos acusados.

Daniel alegava que tudo tinha sido pensado por Suzane e que ela e Andreas sofriam abusos sexuais pelo pai, Manfred, e que Suzane era agredida pela mãe, Marísia. Ele afirma que não tem como provar essas coisas, mas era o que Suzane contava para ele. Esses fatos foram negados por Andreas ao depor<sup>56</sup>. Enquanto isso, Suzane disse que tudo havia sido planejado por Daniel, quem a tinha induzido a cometer o crime, pois ela tinha perdido a virgindade e estava apaixonada por ele, que acabava por exercer uma dominação sobre ela. No seu depoimento, afirmou que Daniel a obrigava a mentir para a mãe e pagar as contas dele, como a prestação do carro e a reforma no quarto. Disse que no dia do crime estava sem uma noção real do que estava acontecendo por ter fumado muita maconha, vício que adquiriu por causa de Daniel<sup>57</sup>.

---

<sup>55</sup> FLÁVIO FREIRE. Parentes de suzane não vão ao julgamento. *O Globo*, [s. l.], 18 jul. 2006. O país, p. 3. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/401445/noticia.htm?sequence=2>. Acesso em: 28 mai. 2021.

<sup>56</sup> FLÁVIO FREIRE. Fui para cima e dei as pauladas. *O Globo*, [s. l.], 18 jul. 2006. O país, p. 3. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/401445/noticia.htm?sequence=1>. Acesso em: 28 mai. 2021.

<sup>57</sup> FLÁVIO FREIRE. Fui para cima e dei as pauladas. *O Globo*, [...].

Juridicamente, foram alegadas a inexigibilidade de conduta diversa e coação moral irresistível<sup>58</sup>. De acordo com o informado à imprensa por dois advogados, que defendiam Suzane, antes do início do julgamento, “Ela era obediente ao Daniel. Ao mesmo tempo em que ela reprovava as atitudes dos pais, ela admirava tudo o que o namorado fazia”<sup>59</sup>, “Mulher apaixonada é assim mesmo. Ela era virgem quando o conheceu e ficou dominada pelo sexo e pelas drogas, que experimentou com Daniel. Elas sim entendem a importância da primeira vez.”<sup>60</sup>, sendo levantada uma teoria de dependência de Suzane em relação ao ex-namorado.

Essa suposta relação de dependência por parte de Suzane, configuraria uma condição conhecida como oligofrenia, uma condição de retardo mental que faz com que o indivíduo seja facilmente manipulado<sup>61</sup>.

Durante o julgamento ela evitou olhar para o ex-namorado<sup>62</sup> e se manteve impassível, tendo chorado apenas quando saiu a decisão da sua condenação<sup>63</sup>.

---

<sup>58</sup> ÍNTEGRA da sentença que condenou Suzane von Richthofen e os irmãos Cravinhos. *Migalhas*, [s. l.], 4 jul. 2006. Quente. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/quentes/27826/integra-da-sentenca-que-condenou-suzane-von-richthofen-e-os-irmaos-cravinhos>. Acesso em: 28 mai. 2021.

<sup>59</sup> CASO Richthofen vai a júri amanhã: Defesa de Suzane usará tese de coação? em nome do amor? e advogado dos irmãos Cravinhos tentará convencer que a moça foi a mentora do assassinato. *O tempo*, São Paulo, 04 jun. 2006. Brasil. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/fiocruz-assina-na-terca-contrato-para-produzir-ifa-da-vacina-da-astrazeneca-1.2492712>. Acesso em: 31 mai. 2021.

<sup>60</sup> DEFESA de Suzane apela para teses polêmicas para inocentá-la. *Gazeta do Povo*. [s. l.], 20 jun. 2006. Vida Pública. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/defesa-de-suzane-apela-para-teses-polemicas-para-inocenta-la-a2t71orynm1ez17llh8x0uzim/>. Acesso em: 31 mai. 2021.

<sup>61</sup> DEFESA de Suzane alega que a ré tem uma deficiência mental. *Gazeta digital*. [s. l.], 07 jun. 2006. Brasil. Disponível em: <https://www.gazetadigital.com.br/editorias/brasil/defesa-de-suzane-alega-que-a-re-tem-uma-deficiencia-mental/112579>. Acesso em: 31 mai. 2021; O psiquiatra forense Guido Palomba, em análise posterior do caso, coloca Suzane na chamada zona fronteira, não sendo nem louca, nem normal, afirmando que ela é egocentrada. SUZANE Von Richthofen (Temporada 1. Ep. 02). *Investigação criminal* [...].

<sup>62</sup> FLÁVIO FREIRE. Parentes de Suzane não vão ao julgamento. *O Globo*, [...].

<sup>63</sup> SUZANE Von Richthofen (Temporada 1. Ep. 02). *Investigação criminal* [...]; <sup>63</sup> PEDRO FREITAS. Caso Suzane [...]. *Megacurioso*, [...]; PRISCYLA COSTA. O veredicto: [...]. *Consultor jurídico* [...].

Quem se portou com mais emoção no julgamento foi Daniel, especialmente quando foram lidas as cartas de amor entre ele e Suzane. Ela, que se sentou ao lado, mas com alguns centímetros de distância dos irmãos, teria se mostrado constrangida com a leitura dos bilhetes românticos.<sup>64</sup>

Ao final do julgamento, Suzane recebeu uma condenação de 39 anos e 6 meses de prisão por duplo homicídio triplamente qualificado.<sup>65</sup> Após a condenação, ao voltar para o presídio onde já estava teria dito aos colegas de cela que acreditava que seria absolvida e pareceu só compreender o que ocorreu no dia seguinte, chorando muito ao receber a visita de seu advogado.<sup>66</sup> Suzane cumpre pena atualmente em regime aberto.

#### **4. Representação de Suzane Von Richthofen na mídia e na produção cinematográfica brasileira**

Este tópico foi desenvolvido partindo da compreensão fundamental de que eventos passados podem ser interpretados e apresentados de maneiras diferentes por diferentes atores envolvidos, direta ou indiretamente no caso. As próprias versões apresentadas pelas defesas de Suzane e dos irmãos Cravinhos corroboram essa ideia. Não seria diferente com as representações midiáticas e cinematográficas da controversa protagonista de um dos crimes que comoveu o Brasil.

Além do confronto de narrativas, há também o preenchimento de significados que a linguagem escolhida proporciona ao seu público consumidor,

---

<sup>64</sup> DANIEL CHORA com cartas de amor. O tempo. São Paulo, 21 jul. 2006, atualizado em 26 abr. 2013. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/daniel-chora-com-cartas-de-amor-1.292184>. Acesso em: 04 jun. 2023.

<sup>65</sup> ÍNTEGRA da sentença [...] *Migalhas*, [...].

<sup>66</sup> PEDRO GRIGORI. 19 anos do caso Richthofen [...].

especialmente pelos meios midiáticos, mas também pela cinematografia.<sup>67</sup> Por vezes, os meios de comunicação se portam “como quem tem o poder sancionador, porque tem um saber integral e não parcial sobre o caso. [...] construindo-se como uma instância que tudo sabe, portanto, tudo pode contar”<sup>68</sup>.

Neste sentido, a considerar a importância de voltar os olhos à contribuição dos meios midiáticos e cinematográficos, este tópico tem como objetivo observar as representações de Suzane Von Richthofen em (cinco) 5 fontes/tipos de fontes: i. série *Investigação Criminal*, episódio 02: Suzane Von Richthofen; ii. filme “O menino que matou meus pais”, que conta a versão de Suzane do crime; iii. o filme “A menina que matou os pais”, que conta a versão de Daniel Cravinhos do crime; iv. entrevista que ela concedeu ao *fantástico* em 2006, poucos anos depois do crime; v. reportagens escritas e a evolução da narrativa sobre Suzane no decorrer do caso. Esta análise, mesmo que se foque nas representações de Suzane Von Richthofen, possibilita uma melhor ilustração dos fatos e das estratégias e narrativas de defesa apresentadas no tópico anterior.

#### *4.1. Série Investigação Criminal: Suzane Von Richthofen (T. 01, ep. 02).*

No episódio 2 da série, a Dra. Cíntia Tucunduva, delegada responsável pelo caso, conta que “Suzane [...] se apresentou tranquila. Sempre negando os fatos até o último momento. Então, isso chamou atenção, a própria postura dela.”<sup>69</sup>. A delegada descreve Suzane como “estudada, falava três idiomas, [...] nível

---

<sup>67</sup> SUANY OLIVEIRA DE MORAES. *Construção de simulacros na revista Veja: o caso Suzane Von Richthofen*. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Estudos de Linguagens. Departamento de Letras. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Orientador: José Genésio Fernandes. Campo Grande, MS, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/1465>. Acesso em: 04 jun. 2023. p. 16.

<sup>68</sup> SUANY OLIVEIRA DE MORAES. *Construção de simulacros na revista Veja*, [...] p. 144.

<sup>69</sup> CÍNTIA TUCUNDUVA. *In: Suzane Von Richthofen* [...]



universitário, instruída e fria”<sup>70</sup>. O perito criminal Ricardo Salada, ao colocar sua opinião, questiona “como conceber que uma jovem que tem tudo comete esse tipo de crime”<sup>71</sup>, reforçando a ideia de afastamento da mulher, branca, e rica da figura da criminosa. O psiquiatra forense Guido Palomba, por sua vez, afirma que o “poder de sedução”<sup>72</sup> de Suzane a faz conseguir coisas que não conseguiria sozinha, como matar os pais, que requereria uma força que ela não tinha.

A análise da postura e das características de Suzane Von Richthofen, apresentadas pelos agentes envolvidos no caso, revela uma complexidade intrigante. A sua descrição ora como uma mulher tranquila, estudada, instruída e aparentemente fria, ora como uma “mulher fatal”, com um poder de sedução que revelaria uma força oculta que desafia os estereótipos de fragilidade e submissão de Suzane – passando pela dualidade mulher-fria que levanta questionamentos de como é possível conceber que uma jovem com tantos privilégios possa cometer um crime tão horrível – revela as múltiplas narrativas que o caso pode ter e a aproximação ou afastamento de estereótipos de gênero a depender do discurso.

#### 4.2. *Filme: O menino que matou meus pais*

Este filme conta a versão de Suzane Von Richthofen do crime. Começa com os policiais chegando na mansão Richthofen. A frente encontram Suzane, Andreas e Daniel. Suzane, interpretada por Carla Diaz, fala com os policiais de cabeça baixa, fazendo pouco contato visual e com uma voz baixa, dócil, infantil e

---

<sup>70</sup> CÍNTIA TUCUNDUVA. *In*: Suzane Von Richthofen [...]

<sup>71</sup> RICARDO SALADA. *In*: Suzane Von Richthofen (Temporada 1. Ep. 02). *Investigação criminal* [série]. Direção: Beto Ribeiro. Produção: Medialand. Brasil: Medialand, 2012. Amazon prime (44 min.) son., color.

<sup>72</sup> GUIDO PALOMBA. *In*: Suzane Von Richthofen (Temporada 1. Ep. 02). *Investigação criminal* [série]. Direção: Beto Ribeiro. Produção: Medialand. Brasil: Medialand, 2012. Amazon prime (44 min.) son., color. Min 27 e 40 segs.

impassível<sup>73</sup>. Após o reconhecimento da cena e constatação do assassinato de Manfred e Marísia, há um corte para a cena de Suzane e Daniel algemados e saindo de viaturas policiais para entrar no Tribunal.

Suzane aparece com um casaco azul com capuz que cobre parcialmente seu rosto, mas continua com o ar de impassividade, enquanto Cristian e Daniel aparecem com um ar de preocupação. Daniel tenta contato visual com Suzane, que o ignora.<sup>74</sup> Ao ser chamada para depor, Suzane aparece com as unhas feitas, sem maquiagem, um terço nas mãos e fala que a versão contada não é a verdadeira e que ela queria contar a própria história. Inicia-se, então, a narrativa do caso a partir da sua versão.

Na interação inicial com Daniel, Suzane aparece como um menina tímida, que não bebe, e que é incentivada pela mãe a paquerar – não namorar – com Daniel, o novo professor de aeromodelismo de Andreas. Daniel aparece como quem toma a iniciativa de começar o namoro, que parece ter aprovação inicial da mãe e do irmão. Suzane é acolhida pela família Cravinhos, vista como “uma menina de ouro”, e parece inicialmente surpresa com a forma mais expansiva da família do namorado<sup>75</sup>, não demorando a se acostumar com a dinâmica.<sup>76</sup>

O ambiente na casa da família Richthofen é retratado de forma totalmente diferente da dinâmica na casa da família Cravinhos. No jantar, a família troca poucas palavras e tem uma empregada para os servir. Quando Daniel pede a Manfred permissão para levar Suzane a ceia de Natal que acontecerá na casa da tia,

---

<sup>73</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 2.

<sup>74</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 5.

<sup>75</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 8.

<sup>76</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 23.

Suzane parece assustada e apreensiva, enquanto Manfred parece irritado, mas seu silêncio é uma aparente anuência.<sup>77</sup>

Ao estreitarem os laços e passarem a frequentar as casas uns dos outros, as diferenças, em especial econômicas começam a aparecer. Isso é bem observável na fala de Marísia na volta de um jantar na casa dos Cravinhos, “Filha, o que seu pai está tentando dizer é que, sei lá, eles são de outro mundo, sabe? Você é uma menina bem-criada, estudiosa. Ele é um instrutor de aerodelismo. Bonitinho e tal. Mas será que você não percebe a distância, filha?”<sup>78</sup>, mesmo que sob protestos da filha, que diz gostar do “mundo” da família do namorado, saindo em sua defesa, acompanhada pelo irmão.

Conta que sempre foi à escola, fazia inglês, caratê, “vida de adolescente comum”, em uma família com muito amor.<sup>79</sup> Relata que a primeira vez que fumou maconha, a incentivo de Daniel, passou muito mal e precisou mentir para a sua mãe, o que foi se tornando um hábito sob a influência do seu namorado, que a encorajava a continuar mentindo. As mentiras, que contavam ainda com o acobertamento de Nadja e Astrogildo Cravinhos<sup>80</sup>, causaram um afastamento na relação com a mãe, que até então era boa<sup>81</sup>, sendo inúteis as tentativas da sua mãe em abrir pontes para que Suzane confiasse nela e contasse as coisas<sup>82</sup>.

Com o romance se desenrolando, Suzane passa a presentear Daniel com presentes bons (bons relógios e óculos, dinheiro para dar entrada no carro,

---

<sup>77</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 18.

<sup>78</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 25.

<sup>79</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 7.

<sup>80</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 33.

<sup>81</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 21.

<sup>82</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 31.

prestações do carro, celular, conta do celular, reforma do quarto).<sup>83</sup> Ela conta que “Ele nunca [...] falou [...]: eu quero que você me dê tanto. Mas, ele falava [...]: ai, amorzinho, eu queria tanto tal coisa, tanto tal coisa. Então, ele sempre insinuava [...]. E eu, querendo sempre agradar a ele, falava: tá bom, [...] eu te dou.”<sup>84</sup> Essa fala sofre uma interferência imediata do pai de Daniel, chamando-a de mentirosa.

Conta que foi ele quem a ensinou fumar maconha<sup>85</sup> e que foi com ele que perdeu a virgindade, por insistência dele, que adotou um tom ameaçador para manipulá-la<sup>86</sup>. Suzane descreve a perda de sua virgindade como um estupro que aconteceu<sup>87</sup> depois dele a incentivar a fumar maconha para ficar mais relaxada<sup>88</sup>, outro fato que escondeu de sua mãe. Depois disso, o sexo e a maconha parecem se tornar rotina na vida do jovem casal, em especial após comprarem um carro, o que os dá mais liberdade<sup>89</sup>.

Suzane relata como foi que a mãe descobriu a primeira mentira<sup>90</sup>, se descreve com muita vergonha ao ter sido descoberta, mas, defende seu relacionamento, fala para sua mãe que eles se amam e querem ficar juntos. Como

---

<sup>83</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 16; 26; 36; 37; 46.

<sup>84</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 36.

<sup>85</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 21.

<sup>86</sup> “Desse jeito, você vai acabar me perdendo. Su, é que você me prometeu, lembra? Era meu presente”. O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 28.

<sup>87</sup> “Sem nada daquilo que eu sempre sonhei, sem nada daquilo que eu sempre imaginei. Naquela noite em perdi minha virgindade, com ele. Acho que, como toda menina, eu sonhava com um príncipe encantado. Um noite linda, coisa toda romântica. E, de repente, foi assim. Para ele, eu era só mais uma. Para mim, não era.” O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 30.

<sup>88</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 29.

<sup>89</sup> MENINO que matou meus pais, [...]. min. 35.

<sup>90</sup> “Eu fui te buscar de surpresa no caratê. Você quer que eu te diga o que eu fiquei sabendo? Essa casa nunca teve mentira. O que está acontecendo com a minha menininha, Su? O que? Você e esse rapaz não nasceram grudados. Ele tá te levando pro fundo do poço”. O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 38.

reação, Marísia diz “Agora as coisas vão mudar. Nada de namorar durante a semana. Você tem que se concentrar e fazer as suas atividades. E nesse fim de semana nós vamos pra praia sem ele. Eu não vou contar essa sujeira toda pro seu pai. Ainda! É a gente que manda aqui, Suzane”<sup>91</sup>.

Essa nova atitude fez com que Suzane e Daniel encontrassem outras formas de se ver escondido, contando com a ajuda de seu irmão Andreas<sup>92</sup>. Mas, conflitos no relacionamento e atitudes explosivas de Daniel, começaram a se tornar mais frequentes. Ele falava que Suzane não se impunha e que os pais dela não a respeitavam. Suzane conta diálogo entre ela e Daniel após temporada que ela passou na Europa com a família, no qual ele disse “Eu não conseguia mais viver um segundo sem você. É sério. Olha, eu quis até me matar. Você acha que é brincadeira ficar aqui esses dias sem você, enquanto você está lá se divertindo? Escutando seus pais falando mal de mim, te jogando contra mim, dizendo que eu não sou pra você. Você acha que isso é fácil? Você não tem noção da angústia que eu senti”<sup>93</sup>. Nesta cena, Daniel tem um ar manipulador, enquanto Suzane tem um ar de extrema preocupação.

Daniel, então, passa a ser retratado como o dominador e manipulador no relacionamento. Queria decidir quando Suzane não iria às aulas para fazer coisas com ele<sup>94</sup> e tinha ataques de raiva quando se sentia frustrado, por exemplo, quando ela não dava dinheiro para ele<sup>95</sup>. Suzane, que buscava sempre agradar o namorado,

---

<sup>91</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 39.

<sup>92</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 40.

<sup>93</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 46.

<sup>94</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 47.

<sup>95</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 52. “Você trouxe o dinheiro das peças da mobilete? [Suzane fala que não porque o pai está regulando mais. Daniel, então, tem um ataque e fala] Eu acho engraçado, seu pai fica controlando você, mas com puta ele não tem vergonha de gastar. Eu vi ele

começa a ter um aproveitamento insuficiente na escola, o que é visto por seu pai como consequência do seu namoro.<sup>96</sup> De acordo com a versão contada por Suzane, a pressão exercida por seu pai para melhorar seus estudos, a desaprovação do relacionamento por seus pais e a dominação exercida por Daniel, que a colocava contra Manfred, a fizeram sentir ódio do pai, mesmo que ele fosse “uma pessoa exemplar” e que ela nunca tenha visto “nenhum deslize”.<sup>97</sup>

Essa versão continua a mostrar Daniel a partir de situações negativas, como quando ele trata com desdém o desalento de Suzane quando não tinha bom aproveitamento nos estudos, a exemplo que quando não passou na São Francisco (Universidade de São Paulo), ou quando ele não demonstra felicidade quando Suzane ganha um carro dos pais<sup>98</sup>.

Para Suzane, além de um relacionamento amoroso que não fazia bem a ela, os conflitos em casa se intensificaram<sup>99</sup>, a ponto de Manfred bater em seu rosto

---

entrando no motel com uma garota de programa. E a sua mãe não deve nem estar se importando, né? Porque ela está mais preocupada em dicar se esfregando com a amiga dela. Não tá na cara que ela gosta disso? Você nunca percebeu? Agora sabe o que me deixa com mais raiva? É eles ficarem assim, te regulando. Eles ficam falando de você, com que moral que eles tem? Isso é vergonhoso.” O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 52-53.

<sup>96</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 48.

<sup>97</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 50. “O Daniel tentava de todas as formas destruir essa imagem linda que eu tinha do meu pai. Do paizão, do amigo. Tudo que eu me espelhava, eu me espelhava nos meus pais. E ele não queria que eu me espelhasse nos meus pais. Ele queria que eu me espelhasse nele.” O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 50.

<sup>98</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 55.

<sup>99</sup> Em acalorada discussão no Dia das Mães que girou em torno de Suzane ir para prova final de processo penal e querer naquela noite sair para dar um abraço na mãe de Daniel, recusando o pedido da mãe em ficar em casa para ver um filme, Manfred fala para Suzane “Você não tem vergonha na cara? [...] Eu te segui na sexta-feira e eu sei que você foi para aquele antro, ao invés de ir pra aula. Esse menino vai te levar pro fundo do poço. Vai te afundar cada vez mais e você não vai conseguir sair. [...] Vai pra lá. Vai, vai. Corre pra lá! Ai eu te deserdo e quero ver eles te quererem sem um tostão no bolso. Esse menino não quer você. Ele quer o seu dinheiro. Você é uma criança. A partir de hoje, eu proíbo esse Daniel de pisar aqui. Não liga mais pra cá, não vê a minha filha, nem o Andreas. Eu to

quando ela falou que Nadja e Astrogildo eram seus verdadeiros pais, no meio de uma discussão<sup>100</sup>. A ação foi logo seguida de um pedido de desculpas por Manfred, que pareceu genuinamente arrependido<sup>101</sup>, mas Suzane vai à casa da família Cravinhos, conta o que aconteceu e pede para morar lá. A família a acolheu, tentou acalmá-la e explicou que ela ainda não tinha 21 anos, mas que logo ela e Daniel se casariam e isso acabaria, afinal, ele a amava.

Como forma de abrandar a situação, Suzane, que continua a ser retratada com um tom de voz baixo, tímido, calmo e submisso, conta aos pais que terminou com Daniel, que eles estavam certos e que a ficha dela caiu, o seu objetivo devia ser focar na carreira. Manfred e Marísia teriam ficado tão felizes, que decidiram abrir um vinho para comemorar.<sup>102</sup> Essa mentira fez com que os pais de Suzane afrouxassem as rédeas e viajassem sozinhos, deixando Suzane e Andreas em casa sozinhos por um mês, período no qual Daniel passou com eles.

Suzane descreve Daniel nesse período “como se fosse morador de casa”, “como se fosse parte da família”. Fala que ele passou a conhecer tudo do funcionamento da casa e que é nesta época que ele faz pela primeira vez um comentário sobre a morte de Manfred e Marísia, com um acidente de avião. Ela aparece estarecida com a fala, enquanto ele ri.<sup>103</sup>

Suzane relata que passou a contar para os pais mentiras envolvendo eventos da faculdade, dentre outros, para poder ir todos os dias para casa de Daniel. Sua

---

cansado de aguentar esse vagabundo, ignorante e fodido!” O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 57-58.

<sup>100</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 58.

<sup>101</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 59.

<sup>102</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 61-62.

<sup>103</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 64-65.

representação muda no filme, ela já aparece drogada a maior parte do tempo, nas companhias de Daniel e seu irmão Cristian. Conta que já não ficava mais lúcida e que frequentemente Daniel a instigava a pensar como seria a vida sem seus pais, que ela seria feliz sem eles.<sup>104</sup> Relata que à época ela escutava e obedecia a Daniel, e “achava que ele queria matar [...] [seus] pais por amor”, mas que no momento do julgamento ela sabia que era por dinheiro<sup>105</sup>.

Suzane, então, ao chorar, conta que alguns dias antes do dia 31 de outubro teve o que parece ser um episódio de pânico e que falou para Daniel que não queria mais seguir o plano feito por ele sobre “a viagem de seus pais”. Mas, como o obedecia, pegou as luvas e meias que ele mandou e entregou a ele. Conta que Daniel também seria o responsável por envolver Cristian, quem poderia ficar com as joias e o dinheiro que estavam na mansão Richthofen. Suzane, neste momento, é retratada com intenso desespero.<sup>106</sup>

Ao falar dos acontecimentos do dia, Suzane chora e descreve um “dia normal”. Acordou cedo, foi para a faculdade, passou na casa de Daniel, voltou para casa para almoçar, levou o irmão ao inglês, buscou-o e foram ao shopping, junto com Daniel, deixou o irmão em casa... Até, então, conta que não sabia de nada, que era somente mais uma quarta-feira normal.<sup>107</sup>

Daniel teria falado “Su, tem que ser hoje, senão, você vai me perder. Não tem como ser diferente. Preciso que você fique tranquila, tá? Pensa como se eles fossem viajar”<sup>108</sup>, e ela, o obedeceu. Deixaram o Andreas numa *lan house*,

---

<sup>104</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 66.

<sup>105</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 68-69.

<sup>106</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 69-70.

<sup>107</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 71-73

<sup>108</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 72.



encontraram-se com o Cristian e foram para a mansão Richthofen. Suzane conta que foi dirigindo muito devagar de tão drogada que estava. Ao chegarem em casa, ela começou a ter um novo episódio de pânico, mas Daniel a acalmou e mandou que ela fosse ver se os pais estavam dormindo, para que ele e o irmão pudessem entrar. A confirmar que os pais estavam dormindo, Suzane ligou a luz e desceu as escadas em pânico, enquanto seus pais estavam sendo mortos por Daniel e Cristian. Pegou o dinheiro e começou a revirar o escritório para fazer com que parecesse um assalto.<sup>109</sup>

Suzane termina seu relato aos prantos falando que seus pais eram maravilhosos e que ela não sabe como se deixou levar pelo namorado. Que ela sabe que ele conta uma versão diferente e fala coisas horríveis sobre ela e os pais, mas que nada disso é verdade. O filme se encerra com ela olhando com ar melancólico no espelho enquanto Daniel desce as escadas todo ensanguentado com uma barra de ferro na mão. E ela pergunta: “já acabou?”<sup>110</sup>.

Percebe-se, a partir desta narrativa, que Suzane é representada como uma jovem de “boa família”, instruída, totalmente apaixonada e submissa ao namorado mais velho e dominante. Suzane, uma jovem mulher tímida e introvertida, fazia tudo para agradá-lo, sendo altamente manipulada, em especial com o estímulo para usar drogas, que a deixou sem uma consciência plena dos acontecimentos. Ela se coloca numa posição de fragilidade e incapacidade de responder pelas suas ações, aproximando-se do estereótipo construído acerca da mulher e da sua feminilidade, e se afastando de características esperadas de uma criminosa.

---

<sup>109</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 75-80.

<sup>110</sup> O MENINO que matou meus pais, [...]. min. 82.

### 4.3. Filme: *A menina que matou os pais*<sup>111</sup>

Este filme conta a versão de Daniel Cravinhos do crime. Tem as primeiras cenas similares ao filme que retrata a versão de Suzane, primeiro com os policiais chegando à mansão Richthofen e depois Daniel, Cristian e Suzane chegando no Tribunal, havendo uma intensa troca de olhares entre Suzane e Daniel.<sup>112</sup>

Daniel, então, senta-se para depor, vestindo uma calça jeans e uma camisa branca. O juiz pergunta para ele o que aconteceu e a primeira coisa que Daniel fala é sobre sua família. Diz que veio de uma família amorosa, acolhedora, que o ensinou a fazer a coisa certa e que sempre respeitou suas escolhas, incluindo sua paixão por aeromodelismo. Ao fundo aparecem seus pais chorando.<sup>113</sup>

Ao contar a sua versão, a interação inicial entre Daniel e Suzane parecem similares, com ele tomando a iniciativa em demonstrar interesse. Durante a aula, Daniel pergunta a Andreas se Suzane tem namorado, e Andreas define a irmão como sendo “CDF”, ou seja, extremamente estudiosa, e que por isso não tinha namorado.<sup>114</sup>

Em casa, ao falar com sua mãe, Nadja, ele logo define Suzane como uma “princesa”. No primeiro beijo, Suzane é retratada como uma menina inocente e tímida. E no primeiro contato com todos os integrantes família Cravinhos, Suzane parece espantada com a dinâmica e o jeito extrovertido da família, mas logo dá

---

<sup>111</sup> A MENINA que matou os pais, [...].

<sup>112</sup> A MENINA que matou os pais, [...], min. 1-6.

<sup>113</sup> A MENINA que matou os pais, [...], min. 7.

<sup>114</sup> A MENINA que matou os pais, [...], min. 8-9.

sinais de gostar do afeto que ali era demonstrado<sup>115</sup>. Tudo isso parece coincidir com a versão de Suzane.

A primeira divergência seria sobre a reação de Daniel quanto ao primeiro presente caro dado por Suzane, demonstrando surpresa e incômodo da parte dele<sup>116</sup>, o que entraria em confronto com a versão de que ele de alguma forma a manipulava para pagar as coisas, e sim, que tudo foi feito voluntariamente por ela.

A família de Daniel toma conhecimento do relacionamento deles antes do que os pais de Suzane, e Daniel justifica isso para o pai por ela ser “esquisita” e “fechadona”<sup>117</sup>. Suzane parece adiar o máximo possível a interação entre Daniel e seus pais, demonstrando-se irritada com as ideias de Daniel para que isso acontecesse e tendo uma explosão de agressividade quando ele concorda com ela ao falar que é “encanada” em apresentar ele como seu namorado. Suzane grita com ele e fala que ele a está pressionando e sufocando, como fazem Manfred e Marísia<sup>118</sup>.

A convivência entre Marísia, Manfred, Astrogildo e Nadja passa uma impressão clara de desconforto. Por parte de Marísia quando está no ambiente da família Cravinhos, e do casal Cravinhos ao escutar sobre as viagens para Europa da família Richthofen, que contam sobre elas com ar de naturalidade e habitualidade<sup>119</sup>.

---

<sup>115</sup> A MENINA que matou os pais, [...], min. 10-14.

<sup>116</sup> A MENINA que matou os pais, [...], min. 15.

<sup>117</sup> A MENINA que matou os pais, [...], min. 18.

<sup>118</sup> A MENINA que matou os pais, [...], min. 19-20.

<sup>119</sup> A MENINA que matou os pais, [...], min. 22-24.

O desconforto se repete em um domingo no qual Daniel conta que estava na mansão Richthofen e Manfred fala para seu filho Andreas “Tem que estudar, tem que estudar, pra poder morar numa casa como essa, pra ter conforto na vida, pra poder descansar. Ou não estuda, aí mora num muquifo, vive de bico, de servicinho. É isso que você quer pra sua vida?”<sup>120</sup>. Depois, com aparência alcoolizada, ele pergunta para Suzane se Daniel “não ia embora”. Marísia, com aparência também alcoolizada, parece querer provocar Manfred ao falar que ele não manda mais na casa, quem manda é Suzane. Ele fica irritado e pergunta se ela quer apanhar, Marísia começa a xingá-lo e ele atira sua sandália em direção a Suzane e Daniel, Suzane sai da sala falando que quer que os dois morram e Daniel parece apavorado com a situação.

Sobre seu relacionamento sexual, Daniel primeiro descreve uma situação constrangedora, quando no início do namoro Suzane demonstrou-se apavorada quando se beijavam no quarto. Ao ver a sua reação, ele perguntou se fez algo de errado, se ela era virgem, e que ela afirmou que não, mas que ele nunca entenderia. Ele, então, a acolheu e pediu desculpas, decidindo respeitar o pedido de não tocar mais no assunto.<sup>121</sup> Em janeiro, no dia do aniversário de Daniel, Suzane teria uma postura diferente e as versões contadas pelos dois é totalmente diferente. Daniel conta que Suzane apareceu com a maconha para eles fumarem e relaxarem, para ele fazer tudo o que quisesse como presente de aniversário. Nessa versão, é ela quem toma iniciativa com aparente desinibição sexual<sup>122</sup>.

---

<sup>120</sup> A MENINA que matou os pais, [...], min. 34.

<sup>121</sup> A MENINA que matou os pais, [...], min. 16.

<sup>122</sup> A MENINA que matou os pais, [...], min. 29-30.

Daniel conta que não aceitava que ela pagasse nada para ele durante as viagens, porque trabalhou desde cedo e tinha independência<sup>123</sup>. Conta que tudo isso era feito às escondidas, com iniciativa de Suzane, porque Marísia não aceitava que eles se vissem ou viajassem muito, sob a justificativa de que isso atrapalharia os estudos<sup>124</sup>. As situações descritas o colocam como uma espécie de válvula de escape de Suzane, que tinha muitos problemas em casa, o que era agravado porque seus pais bebiam muito.

A ideia do “sumiço” de Manfred e Marísia teria partido de Suzane quando Daniel falou que queria que eles viajassem juntos e não ficassem se preocupando em olhar o relógio para ela voltar para casa. Suzane diz “Às vezes, acho que seria muito melhor se eles sumissem. Imagina, Dan, a gente livre, sem nada, sem hora pra nada, sem prisão, sem pressão. Imaginar não é crime, né?”<sup>125</sup> e olha para Daniel com ar persuasivo.

Certa noite, conta, Suzane ligou para ele de madrugada, pedindo para ele ir para lá naquele instante. Chegando lá, ela conta que sua mãe teria descoberto que ela estava faltando as aulas. Pouco tempo depois, ao irem para praia, Daniel vê marcas de dedo no braço de Suzane e pergunta o que é aquilo, ela diz que o pai dela pegou no braço dela com muita força quando descobriu que ela não estava indo às aulas e que a pele dela era sensível<sup>126</sup>. Isso corrobora a versão de que Suzane era vítima de abusos e violência em casa.

---

<sup>123</sup> A MENINA que matou os pais, [...], min. 31-33.

<sup>124</sup> A MENINA que matou os pais, [...], min. 36.

<sup>125</sup> A MENINA que matou os pais, [...], min. 40.

<sup>126</sup> A MENINA que matou os pais, [...], min. 42-44.

Ao longo do filme, Suzane aparece espontânea e frequentemente faltando aulas e as drogas, sexo, viagens e compras parecem se tornar a rotina do jovem casal. Nessa versão, Suzane é constantemente retratada usando abusivamente drogas, tendo acessos de raiva e demonstrando um ressentimento intenso da família, que criticava constantemente Daniel, por ser pobre, não ter estudo e nem futuro. Mas, a revolta era especialmente direcionada ao pai. Inclusive quando Daniel simula atirar no pai, Suzane parece gostar.<sup>127</sup>

No domingo de Dia das Mães, após Manfred bater em Suzane, a raiva de Daniel parece chegar ao seu estopim. Ele conta que Suzane tinha tudo planejado para matar os pais e que ele teria que salvá-la do pai, que a estuprava desde muito nova, especialmente quando bebia. Nesta cena, os dois são retratados como se estivessem em sofrimento e sob efeito de drogas.<sup>128</sup>

Após esse acontecimento, Suzane teria voluntariamente e sem o conhecimento de Daniel, contado aos pais que eles teriam terminado. Isso fez com que Manfred e Marísia ficassem mais relaxados e decidissem passar um mês na Europa. Suzane, então, convida Daniel para morar na casa deles durante a temporada que seus pais estariam viajando. Ele inicialmente nega, mas ela pede para ele prometer que nunca a deixaria sozinha, “para todo o sempre”.<sup>129</sup>

Suzane, então, teria começado a testar ideias para matar os pais, incluindo um “experimento” de usar a arma de seu pai para ver se faria muito barulho. Nesse plano, ela mesmo atiraria nos pais, mas, aparentemente o “teste da arma” não teve êxito porque foi possível ouvir do lado de fora. Daniel conta que é Suzane quem

---

<sup>127</sup> A MENINA que matou os pais, [...], min. 45-48; 56; 64.

<sup>128</sup> A MENINA que matou os pais, [...], min. 60-62.

<sup>129</sup> A MENINA que matou os pais, [...], min. 65-66.

decide envolver Cristian, porque com a participação dele, seria mais rápido, mas, é ele quem o chantageia.<sup>130</sup>

No dia do crime, a versão contada por Daniel é que é ela quem precisa acalmá-lo e orienta que ele deve agir como se nada estivesse acontecendo. É ela, também, quem sugere como ele deve fazer as barras de ferro, a partir dos objetos que ele tinha na oficina, para usar como arma, porque ela não conseguiu pegar as pás da lareira na biblioteca. Ela distrai conscientemente Astrogildo e Nadja para que ele conseguisse colocar as armas no carro dela.<sup>131</sup>

Ele pega Andreas em casa e ele e Suzane o levam para a *lan house* depois dos pais terem ido dormir. Cristian ainda tenta fazê-los mudar de ideia, mas Suzane implora e fala que ela não consegue mais viver dessa forma. Cristian cede, mas demonstra sinais de hesitação. Daniel conta que Suzane vai dirigindo, porque ele não conseguia parar de tremer. A sucessão dos acontecimentos parece a mesma, mas com diferentes interpretações. Ele descreve Suzane como controlada e no comando, guiando-os pelos passos do plano. Após matarem os pais, eles simulam um assalto no quarto do casal.<sup>132</sup>

Daniel termina seu relato falando que sabe que ela conta uma versão diferente e fala coisas horríveis sobre ele e a família dele, e que não sabe como se deixou levar por ela. O filme se encerra com Daniel descendo as escadas todo ensanguentado com a barra de ferro na mão, ao pé das escadas, Suzane olha no espelho com ar de satisfação e pergunta: “já acabou?”.<sup>133</sup>

---

<sup>130</sup> A MENINA que matou os pais, [...], min. 66-68

<sup>131</sup> A MENINA que matou os pais, [...], min. 69-72.

<sup>132</sup> A MENINA que matou os pais, [...], min. 72-77.

<sup>133</sup> A MENINA que matou os pais, [...], min. 78-79.

Percebe-se que, ao inicialmente retratar Suzane, Daniel a coloca como uma vítima dos pais. Uma jovem “princesa” que era alvo de extrema pressão nos estudos, além de ser vítima de violência sexual do seu pai. Suzane era ao unísono: frágil e impotente em relação aos pais, dominadora quando se tratava de sexo, temperamental e explosiva quando contrariada ou frustrada, carinhosa e presenteadora com ele, e uma sobrevivente diante das circunstâncias familiares. Não teria, assim, uma Suzane, mas várias Suzanes. É interessante observar que, até certo ponto de sua fala, ele adota uma versão na qual coloca Suzane como mentora e arquiteta do crime ao mesmo tempo que justifica suas razões para tê-lo planejado. Apenas no final do seu depoimento ele afirma que ela o usou, retratando-a como aproveitadora. Mas, a representação de Suzane como manipuladora, insensível, egocêntrica e cínica só seria possível com uma interpretação extensiva da versão de Daniel, e não da expressamente dada por ele.

#### *4.4. Entrevista concedida ao Fantástico em 09 de abril de 2006<sup>134</sup>*

Na entrevista concedida por Suzane ao fantástico em 09 de abril de 2006, Zeca Camargo se refere a ela como “menina bem-nascida que é acusada de ter participado da morte dos pais”. Suzane, então com 22 anos, aparece no primeiro dia da entrevista ao lado de um de seus advogados, vestindo calça jeans e uma blusa rosa da *Minnie*, usando acessórios infantis para prender o cabelo e um corte curto e com franja. No segundo dia, Suzane aparece com uma blusa branca com desenho infantil, cabelos soltos e uma bermuda justa preta.

---

<sup>134</sup> CANAL F relembra caso Von Richthofen. [...].



Ao falar sobre o caso, Suzane afirma que se não tivesse conhecido Daniel nada disso teria acontecido. Reforça que ele a manipulava e chantageava para que usasse drogas e que isso foi acabando com ela.

Durante a reportagem foi enfatizada a imagem que ela estava “tentando passar”, de menina vulnerável e dependente, na sua linguagem corporal com seus advogados, ao buscar apoio e consolo nos dois dias que foram gravados – tanto é que no minuto 2 a narradora fala: “no dia seguinte, dois diálogos flagrados pelo Fantástico mostraram que estávamos diante de uma farsa. [...] Logo no começo da gravação, a câmera registra uma conversa entre [...] [o advogado] e Suzane, o microfone que já estava ligado capta o diálogo. Ele orienta Suzane a chorar na entrevista” Ela fala que não vai conseguir, ele então pergunta se ela está feliz e que se está feliz, acabou.

Como outra evidência do que a narradora chama de farsa, existe um outro diálogo que é captado pelos microfones que estavam ligados enquanto Suzane estava do lado de dentro da casa e a equipe de jornalismo estava do lado de fora. A narradora conta que é captada “uma voz que orienta a jovem o que falar sobre o ex-namorado, Daniel Cravinhos, e como se comportar diante da câmera”. A voz fala “Acabou. Mais nada. Começa a chorar e fala ‘não quero falar mais. Que ele mandava sempre o que era para eu fazer. E pelo amor de Deus, não quero mais’”.

Suzane pede para encerrar a entrevista no segundo dia. Com a voz trêmula e passando uma sensação de sofrimento, diz que sempre que tem que lembrar de tudo é muito ruim. Refere-se a Daniel como “aquele maldito”. E a entrevista é encerrada com Suzane abraçando seus dois advogados e a esposa de um deles que estava lá.

Ao longo dos dois dias de reportagem, Suzane usa um tom de voz infantil, quase que choroso, agarra-se em seus advogados como se fosse uma pessoa extremamente vulnerável, evita contato visual e mantém a cabeça baixa, passando uma áurea de ingenuidade e fragilidade, quase como se fosse incapaz de compreender o que a cerca e assumir responsabilidade pelas suas atitudes. Essa representação busca aproximá-la dos estereótipos de submissão, passividade, fragilidade, delicadeza, docilidade e sensibilidade, e afastá-la da figura da criminosa construída socialmente de “mulher fatal”, fria, psicopata, louca ou desequilibrada.

#### 4.5. Meios de comunicação, reportagens escritas e evolução de narrativas: amostras

A imagem de Suzane foi veiculada como sendo uma exceção entre as mulheres em mídias impressas como Folha de São Paulo e Correio Braziliense, e em mídias televisionadas como a globo, veículos destinados para classes mais abastadas<sup>135</sup>. Afinal, como pode uma menina, uma mulher, bonita, estudada, rica, ser capaz de um crime tão brutal? Tanto é que, pouco antes do julgamento, o jornal O Estado de São Paulo lançou uma reportagem que afirmava que o júri teria que escolher entre “entre a assassina ambiciosa e a virgem dominada”<sup>136</sup>.

---

<sup>135</sup> LORENA DOS ANJOS COUTINHO. *Criminologia feminina e a mídia: O caso Suzane Louise Von Richthofen* nos jornais Folha de São Paulo e Correio Braziliense. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2008. *passim*.

<sup>136</sup> ANGÉLICA SANTA CRUZ. Júri escolhe entre duas Suzanes. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 04 jun. 2006. Metrópole. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/320124/noticia.htm?sequence=1>. Acesso em: 31 mai. 2021.

Enquanto o processo decorria, é possível perceber que a narrativa da mídia impressa sobre “o que era” Suzane muda. Na primeira narrativa, ela foi apontada como a menina boa e inocente, que fora manipulada pelo namorado a tomar a iniciativa de matar os pais. Em outra, foi considerado que ela tinha algum tipo de problema mental. A terceira e última narrativa foi a que a classificou como um monstro<sup>137</sup>. Afinal, não seria aceitável que uma jovem, branca e rica fosse ao mesmo tempo uma mulher “normal” – leia-se que se encaixa nos estereótipos – e assassina fria. Verifica-se, em última instância, uma oscilação entre a Suzane manipulada e a Suzane manipuladora.<sup>138</sup>

Na primeira, e mais difundida narrativa, foi construída a imagem da “mulher normal”. Boa, com uma moral superior, santa, incapaz de maldade, inocente, pura, influenciável, submissa, passional/emocional, que podia chegar até matar por amor. A imagem passada era de que ela era uma boa menina, mas “[...] era dominada pelo namorado [...]”<sup>139</sup>. Na segunda, a imagem de Suzane foi pautada numa possível desconexão da jovem à realidade, surgindo a hipótese de que ela tinha uma deficiência mental. Isto foi influenciado pela estratégia de defesa, comentada acima, especialmente após a entrevista concedida ao fantástico, na qual ela usou pantufas de coelho e blusa da Minnie<sup>140</sup>. Na última fase das narrativas, foram usadas expressões como: má, perigosa, “vagabunda”, “vadia”<sup>141</sup>.

Uma outra representação é dada pelo investigador Robson Feitosa, que a época do assassinato do casal Von Richthofen era o chefe do Departamento

---

<sup>137</sup> CANAL F relembra caso Von Richthofen. [...].

<sup>138</sup> SUANY OLIVEIRA DE MORAES. *Construção de simulacros na revista Veja* [...], p. 40-60.

<sup>139</sup> LORENA DOS ANJOS COUTINHO. *Criminologia feminina e a mídia*: [...] p. 28.

<sup>140</sup> LORENA DOS ANJOS COUTINHO. *Criminologia feminina e a mídia*: [...] *passim*.

<sup>141</sup> LORENA DOS ANJOS COUTINHO. *Criminologia feminina e a mídia*: [...] *passim*.

Estadual de Homicídios e de Proteção à Pessoa (DHPP) de São Paulo, declara que não há fatores que pudessem justificar o crime, especialmente porque houve um planejamento “de uma jovem” para o cometimento do crime<sup>142</sup>. Robson afirma que, sem sombra de dúvidas, Suzane era a mais manipuladora entre os três que estavam envolvidos no crime<sup>143</sup>, inclusive pontua que ela deveria ter ido para um hospital psiquiátrico e não para a prisão, especialmente porque ela nunca demonstrou nenhum arrependimento pelo que fez<sup>144</sup>. Suzane teria, então, traços de transtorno de personalidade antissocial.

Além dessas narrativas quanto à índole e características de personalidade de Suzane para o cometimento ou não do crime, as matérias jornalísticas frequentemente se referiam à imagem da jovem. Foram escritas coisas como o que ela vestiu no funeral (blusa preta curta que mostrava sua “barriga sarada”) e características físicas, sendo descrita como “Loura, jovem, bonita, bem tratada e de cabelos longos de fazer inveja a qualquer comercial de xampu”<sup>145</sup>. Até mesmo a relação entre a mulher, sexualidade e a suposta imagem masculina dali gerada foi

---

<sup>142</sup> “A partir do momento que você faz uma arquitetura e cria uma engenharia para um crime de tal natureza, nada justifica — principalmente uma jovem”. INGREDI BRUNATO. Os 20 anos dos assassinatos Von Richthofen: na visão de um investigador do caso. *Aventuras na História*. São Paulo, 31 out. 2022, atualizado em 06 nov. 2022. Matérias. Suzane Von Richthofen. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/os-20-anos-dos-assassinatos-von-richthofen-na-visao-de-um-investigador-do-caso.phtml>. Acesso em: 04 jun. 2023.

<sup>143</sup> “Quem manipulou para esse cometimento do crime, provavelmente, foi ela. Ela deu a ideia. Mas, a partir do momento que nenhum deles se opõe. Todos viram responsáveis” INGREDI BRUNATO. Os 20 anos dos assassinatos Von Richthofen [...].

<sup>144</sup> “Existe um ditado muito antigo que nós costumeiramente usamos que é: pau que nasce torto, morre torto; ou seja, não tem como fazer alguma coisa para mudar aquilo. Algo de muito errado aconteceu e nesse algo de muito errado que aconteceu não tem como ‘consertar’. Na ciência, por exemplo, não achamos ainda um remédio para tratar de pessoas assim” INGREDI BRUNATO. Os 20 anos dos assassinatos Von Richthofen [...].

<sup>145</sup> LORENA DOS ANJOS COUTINHO. *Criminologia feminina e a mídia*: [...] p. 28.

referenciada: “Mulher é assim. Mulher conhece um mecânico, com unhas de graxa e acha lindo, Quando ele tira a virgindade, ele vira Brad Pitt”<sup>146</sup>.

Percebe-se que a representação de Suzane na mídia perpassou por diversas fases, perspectivas e com características diametralmente opostas. Da sua personalidade às suas vestimentas, passando por sua sexualidade, uma coisa pareceu se manter como perturbador no ideário social: como aceitar que uma jovem assim pode cometer esse tipo de crime?

A trajetória de Suzane mesmo após a condenação, continuou a ser reportada pela mídia. Suas saídas temporárias da prisão, testes psicológicos, pedidos de progressão de pena, vida profissional, acadêmica e amorosa, são objetos dos escrutínio da mídia nas duas últimas décadas.<sup>147</sup> As próprias chamadas como “Suzane é autorizada para saída temporária de Dia das Mães” induzem um julgamento de repreensão acerca da sua conduta, que provavelmente são mais intensos por seus marcadores de gênero, raça e classe.

## 5. Considerações finais

O caso de Suzane Von Richthofen ganhou as manchetes do Brasil e fez com que o país acompanhasse por anos o desenvolvimento do processo e o julgamento do surpreendente caso da menina que matou os pais. Muitas pesquisas se desenvolveram sobre a questão, mas poucas trataram de questões de gênero e, em menor quantidade se encontraram materiais que analisassem com base na interseccionalidade. Assim, o trabalho se desenvolveu perpassando pela construção

---

<sup>146</sup> LORENA DOS ANJOS COUTINHO. *Criminologia feminina e a mídia*: [...] p. 29.

<sup>147</sup> TUDO SOBRE Suzane Von Richthofen. O globo. G1. [s. l.], [várias datas]. Disponível em: <https://g1.globo.com/tudo-sobre/suzane-richthofen/>. Acesso em: 04 jun. 2023.

de estereótipos de gênero e do estereótipo da mulher criminosa para analisar o caso na busca de compreender a existência ou não do uso de estereótipos de gênero, raça e classe na representação de Suzane Von Richthofen nos meios de comunicação e na produção cinematográfica brasileira.

Observou-se que, os estereótipos de gênero foram usados não somente pela mídia e na indústria cinematográfica analisada, mas também pela própria defesa de Suzane no seu julgamento. Pautando-se na construção histórica que afasta a mulher do cometimento de crimes violentos e se aproveitando do estereótipo de vulnerabilidade e submissão feminina, dominação masculina, da perda da pureza que se transformou em amor capaz de fazer uma mulher, nas condições de Suzane, cometer esse crime e, até mesmo numa suposta debilidade mental, a defesa se utilizou de todos estereótipos possíveis para eximir sua cliente de culpa e colocá-la em Daniel Cravinhos, o menino pobre que queria controlar a herança da família. Essa versão é bem ilustradas no filme *O menino que matou meus pais*.

Para além de estereótipos de gênero, que a colocaram no papel de submissa e dominada pelo ex-namorado, a mídia a retratou como “Loura, jovem, bonita, bem tratada e de cabelos longos de fazer inveja a qualquer comercial de xampu”, reforçando o afastamento entre uma criminosa e Suzane: a mulher jovem branca, rica, de cabelos lisos e loiros. Este ponto de partida midiático revela uma preconceção que resultaria na inadmissibilidade de uma pessoa o perfil de Suzane cometer um crime violento.

Mas, os meios de comunicação não tardam a afastá-la dos estereótipos normais de uma mulher, branca e rica. Ela, então, assume a imagem de louca, aberração, exceção entre as mulheres, pois não é tolerável que uma mulher, branca

e rica seja ao mesmo tempo considerada “normal” e aja de forma premeditada para matar os pais com emprego de violência.

No documentário também é possível perceber a reprodução de estereótipos de gênero e classe, por exemplo, com o perito ao questionar a possibilidade de aceitação do cometimento de um crime com esse teor de violência por uma jovem com boas condições, e com a delegada que se refere a ele como uma menina bem-nascida, ou seja, rica.

Percebe-se, assim, que Suzane fugia totalmente do que o senso comum espera de um criminoso violento por ter principais as características do ser mulher: ter nascido com o sexo biológico feminino, ser jovem, estudada, branca, rica. O distanciamento entre o que se espera de uma mulher com essas características e o que ela fez demonstra a clara reprodução social de estereótipos de gênero, raça e classe. E o ideário social da mulher passividade, submissão, servidão, fraqueza, abnegação, docilidade, sensibilidade, cuidados, carinhos, acolhimento, pureza, inocência, castidade, pode ser usado como uma tentativa de livrar a mulher de cumprir a pena, como foi tentado pela defesa, ou como arma para julgamento e linchamento social.

Comprova-se, assim, a hipótese inicial, pois a mídia, o documentário e os filmes representam Suzane a partir estereótipos sociais relacionados à mulher, ou constroem uma imagem de “não-mulher”, direta ou veladamente, a uma jovem, branca, rica e assassina. A construção de narrativas que a afastam do “ser mulher normal” pelo fato de ela não se encaixar nos padrões sociais femininos impostos, demonstra um acentuado uso de estereótipos de gênero, raça e classe para retratá-la. É possível constatar, ainda, que esses estereótipos desempenham um papel significativo na perpetuação da desigualdade e na forma como crimes são

percebidos e julgados pelo judiciário e pela sociedade. Tanto é, que a representação de Suzane altera no desenvolver do julgamento, tendo-se partido da concepção de que ela seria uma frágil e manipulada jovem, para uma assassina gananciosa e manipuladora.

O ponto importante de reflexão é perceber que o que se espera de uma mulher é um dever ser e não um ser. Afinal, se a mulher deve ser, é porque ela não é, ela tem de ser ensinada a ser, não é algo que ela tem como característica inata. E compreender isso é o primeiro passo para o enfrentamento da perpetuação de estereótipos de gênero, raça e classe, sendo também essencial para aplicar a justiça de uma forma mais eficaz com figuras que não se encaixam no estereótipo de criminosa.

## Referências bibliografia

- ALVES, FRANCISCA ELENIR. *De escrava a Cidadã: Educação trabalho e emancipação das Trabalhadoras domésticas*. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação. Orientador: Àlamo Pimental. Salvador, 2013.
- ARARUNA, MARIA LÉO (org.). *Nós trans: escritórias de resistência*. Grupo Transcritas Coletivas. Belo Horizonte: Litera Trans, 2017; Berenice Bento. *Transviad@s*. Gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador: EDUFBA, 2017.
- AZEVEDO, THIAGO AUGUSTO GELÃO DE. *Direitos Para Alienígenas Sexuais*. 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2021.
- BEAUVOIR, SIMONE DE. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 3.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. p. 11.
- BUTLER, JUDITH. *O gênero em disputa: feminismo e subversão identitária* Buenos Aires, Paidós, 1990.
- BUTLER, JUDITH. *Corpos que importam*. Sobre os limites discursivos do 'sexo'. Nova York: Routledge, 1993.
- DATESMAN, SUSAN K.; SCARPITTI, FRANK R. *Women, Crime, and Justice*. New York: Oxford University Press, 1980
- DENNO, DEBORAH W. Gender, Crime and the Criminal Law Defenses. *The Journal of Criminal Law and Criminology*, v. 85, n. 1, 1 (Summer, 1994), pp. 80-180. Northwestern



University Pritzker School of Law. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1144115>. Acesso em: 3 jun. 2023.

ENTREVISTA AO JORNAL DO MNU. In: *Por um feminismo Afro-latino-americano*. FLÁVIA RIOS; MÁRCIA LIMA (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 427-441.

FEDERICI, SILVIA. *Mulheres e caça às bruxas: da idade média aos dias atuais*. Tradutora HECI REGINA CANDIANI. Título original: *Witches, Witch-Hunting, and Women*. São Paulo: Boitempo, 2019. *E-book*.

GONZALEZ, LÉLIA. A juventude negra brasileira e a questão de desemprego. In: *Por um feminismo Afro-latino-americano*. FLÁVIA RIOS; MÁRCIA LIMA (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 53-58.

GONZALEZ, LÉLIA. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: *Por um feminismo Afro-latino-americano*. FLÁVIA RIOS; MÁRCIA LIMA (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 59-82.

GONZALEZ, LÉLIA. A mulher negra no Brasil. In: *Por um feminismo Afro-latino-americano*. FLÁVIA RIOS; MÁRCIA LIMA (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020. *E-book*. p. 214-232.

GONZALEZ, LÉLIA. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Por um feminismo Afro-latino-americano*. FLÁVIA RIOS; MÁRCIA LIMA (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020. *E-book*. p. 97-123.

HARAWAY, DONNA; KUNZRU, HARI; TADEU, TOMAZ (org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2.<sup>a</sup> ed. Belo Horizonte: Autência Editora, 2009.

LAQUEUR, THOMAS. *Inventando o sexo*. Corpo e gênero dos gregos a Freud. Tradução de Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LOMBROSO, CESARE; FERRERO, GUGLIELMO. *A mulher delinquente: a prostituta e a mulher normal*. Título original: *La donna delinquente: la prostituta e la donna normale*. Turim, Roma (Itália): Editori L. Roux e C., 1893. Tradução de Antonio Fontoura Junior. Curitiba: Antonio Fontoura, 2017.

MARTINS, RENATA DUVAL. *Servidão doméstica: uma análise do caso Siwa-Akofá Siliadin à luz das normas da Organização Internacional do Trabalho*. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Direito. Orientadora: Luciane Cardoso Barzotto. Porto Alegre, 2017.

MENDONÇA, LIGIA GAMA E SILVA FURTADO DE. *Da perversão-polimorfa à estrutura perversa: um estudo sobre a possibilidade de haver ‘mulheres’ estruturalmente perversas*. Tese (doutorado) – Centre de Educação e Humanidades. Instituto de Psicologia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Orientadora: Rita Maria Manso de Barros. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/14556>. Acesso em 04 jun. 2023.

MORAES, SUANY OLIVEIRA DE. *Construção de simulacros na revista Veja: o caso Suzane Von Richthofen*. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Estudos de Linguagens. Departamento de Letras. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Orientador: José Genésio Fernandes. Campo Grande, MS, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/1465>. Acesso em: 04 jun. 2023.

NOVAES, ELIZABETE DAVID; MURARI, ANA PAULA. Uma reflexão teórico-sociológica acerca da inserção da mulher na criminalidade. *Sociologia Jurídica*, [s. l.], n. 10, jan./jun. 2010.

PEREIRA, MARCELA RAGE. *A invisibilidade do trabalho escravo doméstico e o afeto como fator de perpetuação*. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Direito. Orientadora: Livia Mendes Moreira Miraglia. Belo Horizonte, 2021.

PERROT, MICHELLE. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PRECIADO, PAUL B. *Manifesto contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

SANTANA, BIANCA. Prefácio. In: FEDERICI. *Mulheres e caça às bruxas: da idade média aos dias atuais*. Tradutora HECI REGINA CANDIANI. Título original: Witches, Witch-Hunting, and Women. São Paulo: Boitempo, 2019. *E-book*.

SOIHET, RACHEL. O corpo feminino como lugar de violência. *Proj. História*. São Paulo, v. 25, dez. 2002. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10592/7882>. Acesso em: 31 mai. 2021.

TELLES, LORENA FERES DA SILVA. *Libertas entre sobrados: contratos de trabalho doméstico em São Paulo na derrocada da escravidão*. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2021

WELTER, BARBARA. *The Cult of True Womanhood: 1820 - 1860*. *American Quarterly*, 18. 1966.

## SITES, MÍDIA E PRODUÇÃO CINEMATOGRÁFICA

A MENINA que matou os pais. Direção: Maurício Eça. Produção: Santa Rita Filmes. Brasil: Santa Rita Filmes, 2021. Amazon prime (86 min.) son., color.

ALVES, LUCAS. Suzane von Richthofen – Quem é, história do crime e curiosidades. *Segredos do mundo*, [s. l.]. Curiosidades. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/suzane-von-richthofen/>. Acesso em: 28 mai. 2021.

ASSASSINATO DOS RICHTHOFEN scandalizou Brasil em 2002. G1. São Paulo, 09 set. 2006, atualizado em 25 out. 2006. Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,AA1255845-5605,00.html>. Acesso em: 04 jun. 2023.

BRUNATO, INGREDI. Os 20 anos dos assassinatos Von Richthofen: na visão de um investigador do caso. *Aventuras na História*. São Paulo, 31 out. 2022, atualizado em 06 nov. 2022. Matérias. Suzane Von Richthofen. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/os-20-anos-dos-assassinatos-von-richthofen-na-visao-de-um-investigador-do-caso.phtml>. Acesso em: 04 jun. 2023.

CANAL F relembra caso Von Richthofen. [S. l.: s. n.], 15 fev. 2011. 1 vídeo (4 min.). Publicado na plataforma Globoplay. Acesso em 04 jun. 2023.

CASO Richthofen vai a júri amanhã: Defesa de Suzane usará tese de coação? em nome do amor? e advogado dos irmãos Cravinhos tentará convencer que a moça foi a mentora do assassinato. *O tempo*, São Paulo, 04 jun. 2006. Brasil. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/fiocruz-assina-na-terca-contrato-para-produzir-ifa-da-vacina-da-astrazeneca-1.2492712>. Acesso em: 31 mai. 2021.

COSTA, PRISCYLA. O veredicto: Suzane e Daniel pegam 39 anos e seis meses de prisão. *Consultor jurídico*, [s. l.], 22 jul. 2006. Disponível em: [https://www.conjur.com.br/2006-jul-22/suzane\\_daniel\\_pegam\\_39\\_anos\\_seis\\_meses\\_prisao](https://www.conjur.com.br/2006-jul-22/suzane_daniel_pegam_39_anos_seis_meses_prisao). Acesso em 28 mai. 2021.

DANIEL CHORA com cartas de amor. *O tempo*. São Paulo, 21 jul. 2006, atualizado em 26 abr. 2013. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/daniel-chora-com-cartas-de-amor-1.292184>. Acesso em: 04 jun. 2023.

DEFESA de Suzane apela para teses polêmicas para inocentá-la. *Gazeta do Povo*. [s. l.], 20 jun. 2006. Vida Pública. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/defesa-de-suzane-apela-para-teses-polemicas-para-inocenta-la-a2t71orynm1ez17llh8x0uzim/>. Acesso em: 31 mai. 2021.

DEFESA de Suzane alega que a ré tem uma deficiência mental. *Gazeta digital*. [s. l.], 07 jun. 2006. Brasil. Disponível em: <https://www.gazetadigital.com.br/editorias/brasil/defesa-de-suzane-alega-que-a-re-tem-uma-deficiencia-mental/112579>. Acesso em: 31 mai. 2021.

FREIRE, FLÁVIO. Fui para cima e dei as pauladas. *O Globo*, [s. l.], 18 jul. 2006. O país, p. 3. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/401445/noticia.htm?sequence=1>. Acesso em: 28 mai. 2021.

FREIRE, FLÁVIO. Parentes de Suzane não vão ao julgamento. *O Globo*, [s. l.], 18 jul. 2006. O país, p. 3. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/401445/noticia.htm?sequence=2>. Acesso em: 28 mai. 2021.

FREITAS, PEDRO. Caso Suzane Von Richthofen: a menina que planejou a morte dos pais. *Megacurioso*, [s. l.], 03 mar. 2021. Disponível em: <https://www.megacurioso.com.br/misterios/117808-caso-suzane-von-richthofen-a-menina-que-planejou-a-morte-dos-pais.htm>. Acesso em: 28 mai. 2021

GRIGORI, PEDRO. 19 anos do caso Richthofen: relembre a cobertura jornalística do crime que parou o país. *Correio Braziliense*. [s. l.], 31 out. 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/10/4959553-19-anos-do-caso-richthofen-relembre-a-cobertura-jornalistica-do-crime-que-parou-o-pais.html>. Acesso em: 04 jun. 2023

ÍNTEGRA da sentença que condenou Suzane von Richthofen e os irmãos Cravinhos. *Migalhas*, [s. l.], 4 jul. 2006. Quente. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/quentes/27826/integra-da-sentenca-que-condenou-suzane-von-richthofen-e-os-irmaos-cravinhos>. Acesso em: 28 mai. 2021.

O MENINO que matou meus pais. Direção: Maurício Eça. Produção: Santa Rita Filmes. Brasil: Santa Rita Filmes, 2021. Amazon prime (88 min.) son., color.

PALOMBA, GUIDO. *In: Suzane Von Richthofen (Temporada 1. Ep. 02). Investigação criminal [série].* Direção: Beto Ribeiro. Produção: Medialand. Brasil: Medialand, 2012. Amazon prime (44 min.) son., color. 27 min. 40 segs.

SALADA, RICARDO. *In: Suzane Von Richthofen (Temporada 1. Ep. 02). Investigação criminal [série].* Direção: Beto Ribeiro. Produção: Medialand. Brasil: Medialand, 2012. Amazon prime (44 min.) son., color.

SUZANE Von Richthofen (Temporada 1. Ep. 02). *Investigação criminal [série].* Direção: Beto Ribeiro. Produção: Medialand. Brasil: Medialand, 2012. Amazon prime (44 min.) son., color.

SUZANE VON RICHTHOFEN: relembre o caso que chocou o Brasil. *Canal Ciências Criminais.* [s. l.], 03 jun. 2023. Disponível em: <https://canalcienciascriminais.com.br/caso-suzane-von-richthofen/>. Acesso em: 04 jun. 2023.

TUCUNDUVA, CÍNTIA. *In: Suzane Von Richthofen (Temporada 1. Ep. 02). Investigação criminal [série].* Direção: Beto Ribeiro. Produção: Medialand. Brasil: Medialand, 2012. Amazon prime (44 min.) son., color. 12 min.

TUDO SOBRE Suzane Von Richthofen. *O globo. G1.* [s. l.], [várias datas]. Disponível em: <https://g1.globo.com/tudo-sobre/suzane-richthofen/>. Acesso em: 04 jun. 2023.